

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN - FAMECOS
CURSO DE JORNALISMO

NATÁLIA WAILAND SCHWENGBER

**RELAÇÕES DE GÊNERO E JORNALISMO EM REDE: UMA ANÁLISE DO CASO AMANDA
KNOX NO JORNAL DAILY MAIL EM 2008**

Porto Alegre
2021

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

NATÁLIA WAILAND SCHWENGBER

**RELAÇÕES DE GÊNERO E JORNALISMO EM REDE: UMA ANÁLISE DO CASO
AMANDA KNOX NO JORNAL DAILY MAIL EM 2008**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para a Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Moreno Cruz Osório

Porto Alegre

2021

NATÁLIA WAILAND SCHWENGBER

**RELAÇÕES DE GÊNERO E JORNALISMO EM REDE: UMA ANÁLISE DO CASO
AMANDA KNOX NO JORNAL DAILY MAIL EM 2008**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para a Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Aprovado em _____ de _____ de 2021.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Moreno Cruz Osório – Orientador – PUCRS

Prof^a. Dr^a. Camila Garcia Kieling

Prof. Dr^a. Juliana Tonin

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por toda minha trajetória acadêmica e pelo momento que estou vivendo.

À minha mãe Marlene, por sempre acreditar em mim e nos meus sonhos, pelo amor e apoio incondicional, e por me ensinar que com persistência e paciência tudo é possível.

À minha madrinha Josiane, por todo amor e carinho e por sempre me incentivar a nunca parar de estudar.

Ao Bruno, meu companheiro de vida, parceiro, melhor amigo, por acreditar nos meus sonhos, por acreditar em mim em todos os momentos quando eu mesma não acreditava, por toda paciência, carinho, apoio e amor.

À minha psicóloga, Natalia, por sempre me ouvir, me aconselhar e me ajudar a percorrer o melhor caminho possível.

À minha amiga e irmã da vida, Fernanda, que mesmo em outro continente sempre me apoiou e sempre se fez presente em todos os momentos.

Ao meu orientador, Moreno Cruz Osório, por todos os ensinamentos e por sua dedicação neste trabalho.

RESUMO

Esta monografia tem como tema uma análise das relações de gênero e jornalismo em rede do caso “Amanda Knox” no jornal Daily Mail em 2008. O objeto de estudo é a reportagem realizada no dia 11 de janeiro de 2008 pelo jornalista britânico Nick Pisa. O principal objetivo desta pesquisa é analisar no objeto a questão da objetificação da mulher na mídia, a presença da responsabilidade profissional do jornalista e o jornalismo em rede. O jornalismo elaborado por Nick Pisa, acaba se propagando em portais internacionais em busca de visualizações e audiência. Os procedimentos metodológicos escolhidos para a elaboração deste estudo foram pesquisas bibliográficas, análise de conteúdo e de cobertura jornalística.

Palavras-chave: Relações de gênero; jornalismo em rede; Daily Mail; objetificação; Nick Pisa.

ABSTRACT

This undergraduate thesis has as its theme the analysis of gender relations and network journalism in the “Amanda Knox” case in the Daily Mail in 2008. The object of study is the report produced on January 11, 2008 by British journalist Nick Pisa. The main objective of this research is to analyze the question of the objectification of women in the media, the presence of the journalist's professional responsibility and network journalism. The journalism elaborated by Nick Pisa ends up spreading on international portals in search of views and audience. The methodological procedures chosen for the preparation of this study were bibliographic research, content analysis and journalistic coverage.

Keywords: Gender relations; network journalism; Daily Mail; objectification; Nick Pisa.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 -Tatiana Machado como Dona Carmina para uma propaganda da Skol...	17
Figura 02 - A atleta Ingrid Oliveira durante os Jogos Olímpicos Rio 2016.....	18
Figura 03 - Manchete do objeto estudado.....	35
Figura 04 - Foto utilizada por Nick Pisa.....	36
Figura 05 - Amanda e Raffaele.....	37
Figura 06 - Manchete “Garota temia brincado sexual de Knoxy”.....	37
Figura 07 - Manchete “Orgia de morte”.....	38
Figura 08 - Manchete “Meredith 'vítima de ritual vodu' ”.....	38
Figura 09 - Jornalista Nick Pisa no documentário “Amanda Knox”.....	39
Figura 10 - Diário de Amanda Knox na prisão.....	40
Figura 11 - Manchete sobre o diário de Amanda Knox na prisão.....	40
Figura 12 - Países que adotaram o termo “Foxy Knoxy” nas manchetes.....	43
Figura 13 - Manchete “O caso Foxy Knoxy ainda turva a Itália”.....	44
Figura 14 - Manchete “‘Foxy Knoxy’ começa a ser julgada em Perúgia”.....	44
Figura 15 - Manchete “Foxy Knoxy e Meredith ‘se davam bem’”.....	45
Figura 16 - Manchete “Foxy Knoxy teve que ser absolutamente condenada”.....	46
Figura 17 - Manchete “A defesa pede a absolvição de “Foxy Knoxy”.....	47
Figura 18 - Manchete “As últimas lágrimas de “Foxy Knoxy””.....	47
Figura 19 - Manchete “Foxy Knoxy no ‘suicide watch’”.....	48

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 RELAÇÕES DE GÊNERO: AFINAL, QUE RELAÇÕES SÃO ESSAS?.....	11
2.1 BREVE HISTÓRIA DO FEMINISMO.....	11
2.2 O CONCEITO DE GÊNERO.....	14
2.3 QUAL É O GÊNERO DO JORNALISMO?.....	20
3 JORNALISMO EM REDE.....	23
3.1 O QUE É JORNALISMO EM REDE?.....	23
3.2 A CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA NO JORNALISMO EM REDE.....	26
3.3 O CASO AMANDA KNOX.....	30
4 ANÁLISE.....	33
4.1 METODOLOGIA.....	33
4.2 OBJETIFICAÇÃO DA MULHER NA MÍDIA.....	34
4.3 PRESENÇA DA RESPONSABILIDADE PROFISSIONAL DO JORNALISTA.....	38
4.4 JORNALISMO EM REDE.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS.....	52
ANEXOS.....	59

1 INTRODUÇÃO

A principal motivação para sustentar a presente monografia reside na importância que o tema possui não somente para a autora, como também para a sociedade. O estudo sobre relações de gênero e jornalismo em rede em um momento no qual a ignorância atua com extrema frequência nas redes, é importante para refletirmos a posição que as mulheres ocupam.

O machismo, por exemplo, é um comportamento presente há muito tempo na sociedade, ele afeta a vida de várias mulheres, desde o momento de escolher uma roupa até a profissão em que atuam. No jornalismo não é diferente. Por muito tempo, as redações jornalísticas foram ocupadas por homens, uma situação que vem sendo modificada de forma lenta com o passar dos anos.

Apesar do aumento do número de mulheres no meio jornalístico, as jornalistas continuam sendo subjugadas pelos privilégios conferidos ao sexo oposto, seja por comentários machistas realizados por colegas de trabalho, pelas fontes, pela diferença salarial no fim do mês, ou pela dificuldade de serem levadas “a sério” como profissionais pela sociedade. Entende-se que há muito tempo, a sociedade exerce um comportamento machista enraizado e que isso não é diferente no jornalismo, um assunto que não pode deixar de ser debatido.

Em 2007, o caso de Amanda Knox, que ainda é um mistério, chocou a cidade de Perugia na Itália e se espalhou pelos portais internacionais. Amanda é uma mulher norte-americana que foi acusada de matar sua colega de quarto, a jovem Meredith Kercher, no dia 1º de novembro de 2007. A defesa de Amanda acredita que o caso teve fortes interferências da mídia, com notícias negativas sobre a jovem que influenciaram nas investigações até o julgamento. Desde o início da audiência pelo Tribunal Italiano, Amanda sempre afirmou sua inocência e depois de absolvida continua sendo alvo de especulações e dúvidas sobre o crime.

Este trabalho lida com a hipótese de traços de sensacionalismo, machismo e misoginia. O objetivo é analisar o jornalismo produzido pelo jornalista britânico Nick Pisa, no Jornal Daily Mail, durante a cobertura do caso Amanda Knox. Pretende-se verificar uma reportagem do dia 11 de janeiro de 2008, publicada pelo jornalista britânico, além de identificar elementos, dentro da reportagem que possam ajudar entender a natureza da construção jornalística do repórter. Rastrear, no jornalismo produzido por outros veículos, traços da construção jornalística do repórter Nick Pisa.

Serão observadas a objetificação da mulher na mídia, a presença da responsabilidade profissional do jornalista e o jornalismo em rede. A reportagem escolhida foi esta porque Nick estava começando a utilizar o termo “Foxy Knoxy” (Gatinha Knoxy, traduzido pela plataforma da Netflix), devido ao acontecimento do crime no dia 1º de novembro de 2007.

O Daily Mail é um tabloide britânico, o qual teve sua primeira publicação em 1896, fundado por Alfred Harmsworth e Harold Sidney Harmsworth, e suas principais coberturas do jornal são de entretenimento e celebridades.

A autora desta pesquisa considera importante a análise da reportagem, não somente pelo interesse no assunto, mas pelo fato do comportamento exercido pelo jornalista britânico perante o caso. O interesse em retratar a acusada Amanda Knox com um apelido sexual, e expor sua vida sexual, mostra não só o jornalismo de Nick Pisa que procura por visualizações e cliques, mas também outros jornais que "compram" a mesma ideia.

Em razão da cobertura internacional sobre o caso, procurou-se compreender que tipo de jornalismo Pisa estava exercendo. É necessário, portanto, estudar e analisar as relações de gênero e o jornalismo em rede para entendermos o jornalismo produzido por Nick Pisa, e se houve ou não a responsabilidade profissional do comunicador britânico ao retratar sobre o caso.

Os procedimentos metodológicos escolhidos pela autora para a realização desta monografia foram pesquisas bibliográficas, análise de conteúdo e de cobertura jornalística. As pesquisas bibliográficas e cobertura jornalística irão contribuir para a explicação de relações de gênero e objetificação da mulher na mídia. Já a análise de conteúdo permitirá identificar a presença da objetificação da mulher na mídia, a presença da responsabilidade profissional do jornalista e o jornalismo em rede.

Esta monografia está distribuída em cinco capítulos, entre eles Introdução e Considerações Finais. O segundo capítulo irá descrever sobre as relações de gênero e que relações são essas, feminismo, o conceito de gênero e o gênero do jornalismo. Algumas das obras incluídas ao longo do capítulo são das autoras Joan Scott (1990), que afirma que “(1) gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (p. 86). Além de Guacira Lopes Louro (1998), que diz em seu livro que “[...] o conceito de gênero que pretendo enfatizar está ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo constituinte desse

movimento, ele está implicado linguística e politicamente em suas lutas [...]” (LOURO p.18).

O terceiro capítulo irá desenvolver questões envolvendo o jornalismo em rede, como, por exemplo, o que é jornalismo em rede, a construção da notícia no jornalismo em rede e o caso de Amanda Knox. A pesquisa para o desenvolvimento do capítulo foi baseada em autores como Traquina (1993), que acredita que “as notícias acontecem na conjunção de acontecimentos e de textos. Enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia também cria o acontecimento”. Os autores Primo e Träsel (2006) vão definir webjornalismo participativo como “práticas desenvolvidas em seções ou na totalidade de um periódico noticioso na Web, em que a fronteira entre produção e leitura de notícias não pode ser claramente demarcada ou não existe” (PRIMO e TRÄSEL, 2006, p. 10).

No quarto e último capítulo serão vistos a metodologia, o resumo da reportagem que é o objeto de estudo, a presença da responsabilidade profissional do jornalista e o jornalismo em rede. No fim, com este estudo, projeta-se entender como o jornalismo de Nick Pisa utilizado na manchete, fotos e apelido no objeto de estudo adotado por ele para se referir à Amanda, se encaixa em um determinado tipo de jornalismo e na sociedade. O trabalho irá identificar um exemplar desse tipo de jornalismo durante a cobertura no caso Amanda.

2 RELAÇÕES DE GÊNERO: AFINAL, QUE RELAÇÕES SÃO ESSAS?

Os desenvolvimentos sociais e culturais de um determinado local impõem o papel que cada gênero vai exercer. Depende dessa construção a forma que cada indivíduo será visto, e também quais esferas ele poderá atuar. Ainda é discutido o conceito de igualdade, que, embora antigo, busca a liberdade de direitos entre todos os gêneros. Enquanto a sociedade colocar um dos gêneros em um patamar elevado, o outro será alvo de injustiças.

No presente capítulo serão abordadas as lutas e inter-relações entre gêneros que ocorrem desde o século XIX, trazendo autoras como Scott (1995) e Louro (1998). Assim ficarão mais claras as dificuldades enfrentadas por esse grupo e suas conquistas com o passar dos anos. Por último, mas não menos importante, vamos discutir as questões de gênero no jornalismo, e ver que a nossa profissão tem um gênero definido segundo a autora Márcia Veiga da Silva (2014).

Continuamente será relatada uma breve história sobre o feminismo e suas principais ondas, para que dessa forma possamos entender mais adiante onde o jornalismo se encaixa nessa trajetória.

2.1 Breve história do feminismo

O feminismo é um movimento relacionado com mulheres e homens. Significa relações entre homens e mulheres, tanto sociais como de poder, que serão vistas mais adiante. Podemos assim avançar como uma categoria, em fazer distinções entre as pessoas, classificando-as com base em traços sexuais (JAGGAR, 1997). O conceito de feminismo tem como principal característica a busca pelo reconhecimento da capacidade das mulheres, que é análoga à dos homens. Como um movimento que defende a equidade de direitos liderado por mulheres, o feminismo se espalhou para todos os lugares. Na contemporaneidade, o feminismo vem crescendo e se expandindo de forma considerável. É fundamental trazer a esse capítulo uma perspectiva sobre o movimento feminista, para que assim possamos ter uma melhor compreensão sobre o que é gênero, as igualdades e diferenças nas relações de gênero e o gênero do jornalismo, que serão abordados a seguir.

A primeira onda do feminismo aconteceu no fim do século XIX até meados do século XX. É importante pensarmos que a sociedade no século XIX era industrial, positivista, urbana e economicamente liberal. Surgiu o socialismo, a luta na

participação política, pelos direitos dos operários, mas não incluía as mulheres. As primeiras reivindicações foram direitos básicos, como o direito ao voto, a participação política e na vida pública. Vale lembrar que, para a sociedade da época, o lugar das mulheres sempre foi dentro de casa, principalmente na sociedade inglesa. Feministas da primeira onda questionavam a imposição dos papéis das mulheres, além de pregar a igualdade entre homens e mulheres. (FRANCHINI, B. S, 2017)

Essa época foi marcada pelo liberalismo e o universalismo. As mulheres da primeira onda defendiam que todos eram iguais nas questões morais e intelectuais, e, por isso, deveriam ter oportunidades iguais de estudos, de trabalho, desenvolvimento, em posição, entre outros. É uma onda que gritava por igualdade.

A segunda onda teve início em meados dos anos 50 até os anos 90 do século XX, onde começou a se construir uma teoria sobre a opressão feminina. É por aqui que começa a diferença entre sexo e gênero. O primeiro passa a ser entendido como uma característica biológica, e o segundo um conjunto de papéis imposto às pessoas. Louro evidencia a necessidade de se buscar as justificativas para as desigualdades, não nas diferenças biológicas, mas “nos arranjos sociais, nas histórias, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação” (1997, p. 22).

O argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorre dessa distinção, que é complementar e na qual cada um deve desempenhar um papel determinado secularmente, acaba por ter o caráter de argumento final, irrecorrível. Seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem científica, a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender - e justificar - a desigualdade social. (LOURO, 1997, p.20-21)

As feministas da segunda onda buscaram identificar a origem do momento feminino: o porquê de serem oprimidas, e o porquê de as mulheres serem tratadas de forma inferior aos homens. Justamente por serem do sexo feminino, a mulher sempre foi vinculada, socialmente e economicamente, à função reprodutiva. São exploradas pelo patriarcado inerente à sociedade burguesa. Vemos, portanto, que existe a influência das ideias marxistas no feminismo da segunda onda.

Essas mulheres foram as primeiras a alegar que, apesar de todas as mulheres do mundo serem diferentes umas das outras, ainda existe a indignação que as une: a prepotência masculina em relação ao sexo. Autoras como Patricia Collins e Dorothy Smith defendiam que a ciência social feminista devia se desenvolver a partir do olhar e da experiência do ponto de vista das mulheres. No fim das contas, apesar das diferenças, as feministas da segunda onda e as mulheres socialistas e marxistas se

uniam em inúmeras questões, como a jornada dupla de trabalho das mulheres, a diferença de salários entre homens e mulheres, e a divisão sexual na educação e no mercado de trabalho. Para Jaggar (1997) existe uma “afinidade entre o feminismo e o marxismo na medida em que ambos incorporam a ideia de uma relação interativa ou dialética entre os indivíduos e a sociedade”.

Nos anos 1990 surgiu a terceira onda, mas outros eventos também aconteceram. O fim da União Soviética, a queda do Muro de Berlim e as ditaduras na América Latina, além do neoliberalismo e do hiperconsumismo. A internet revolucionou a forma de comunicação de um lugar para outro, de levar informações, e não demorou para que o feminismo pudesse aproveitar essa potencialidade. O início da terceira onda é associado ao surgimento dos movimentos punk femininos, que tinham como ideologia o termo “faça você mesmo”. Podemos recapitular aqui que, no fim da segunda onda, a identidade do feminismo começou a se fortalecer. As feministas da terceira onda deram continuidade à ideia, evitando universalizar o conceito de mulher e compreender as identidades e experiências relacionadas a cada uma delas.

A terceira onda é pós-estruturalista e não acredita em significados, símbolos ou instituições. O que domina aqui é a busca de acabar com os pensamentos categóricos e narrativas de vitimização, pontos principais da segunda e primeira onda. É importante ressaltarmos aqui que essa geração desconsidera qualquer tentativa de identificação, e não se reconhece como um movimento coletivo. Aqui o feminismo se fragmenta e individualiza, e quando isso ocorre, ele começa a perder forças. (FRANCHINI, B. S, 2017)

Ao contrário das duas primeiras ondas, as mulheres da terceira onda pegaram os sutiãs, batons e os saltos que as outras abandonaram em defesa da liberdade individual da mulher. Essa liberdade começa com a luta contra a pornografia e a prostituição. Outro foco foi a apropriação de termos, como, por exemplo, a palavra “vadia”, entendida por elas como uma forma de reprimir mulheres que vivem da forma que querem. Surge, portanto, a tentativa de ressignificar a palavra, retirando a conotação negativa por parte dos homens.

No momento contemporâneo, podemos estar vivendo uma quarta onda do feminismo, caracterizada pela presença no uso das redes sociais para conscientização e propagação das ideias feministas. É possível que as sucessoras dessa onda rejeitem o rótulo “feministas”, por simplesmente não quererem dar um

nome a isso. A cultura do estupro, a mulher presente na mídia, os abusos no trabalho e nas universidades, as denúncias e o silêncio das vítimas têm sido pautas bastante frequentes. Independentemente das ondas do feminismo, o conceito de gênero das pesquisadoras e feministas pode ser válido no campo jornalístico, algo que falaremos mais adiante.

2.2 O conceito de gênero

Após passarmos por uma breve jornada sobre a história do feminismo, a busca pela igualdade vai muito além da concepção de gênero atualmente. Algumas das principais reivindicações são contra violência doméstica, contra o abuso sexual, o direito ao aborto e direitos iguais. Essas reivindicações iniciaram no século XIX, como vimos anteriormente, e algumas delas precisam ser apresentadas neste subcapítulo com mais detalhes e estatísticas, porque os problemas ainda persistem.

Para as precursoras do feminismo, o direito à educação era fundamental para que elas pudessem ter as mesmas oportunidades de se desenvolver intelectualmente e exercer profissões que, em sua maioria, eram preenchidas pelos homens. Em 1608, a espanhola Juliana Morell foi a primeira mulher no mundo a ter uma formação superior. Nos Estados Unidos, a entrada para o ensino superior foi em 1837, com uma universidade exclusiva chamada *Women's College*. No Brasil o ingresso das mulheres foi mais tarde, em 1881, quando foi assinado o Decreto Imperial. Entretanto, deveriam aprender as “artes do lar”, para realizar o trabalho doméstico e assumir futuros papéis de esposa e mãe.

De qualquer forma, as mulheres achavam-se excluídas da possibilidade de acesso aos cursos superiores, mesmo que se preparassem adequadamente em escolas particulares ou com preceptores. Isso porque para tal não se exigiam diplomas, mas era necessário fazer os exames preparatórios aplicados pelo Colégio D. Pedro II, destinados exclusivamente ao público masculino. (ARANHA, 2006, p. 230)

A exclusão na esfera pública, como a ausência de direitos políticos, foi um dos principais desafios enfrentados pelas mulheres. Somente depois da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) o direito ao voto foi alcançado em mais de cem países. A partir de 1954, entrou em vigor a Convenção sobre os direitos políticos das mulheres, elaborada pelas Nações Unidas, a qual nenhuma mulher teria restrição de voto. A Arábia Saudita foi o último país a possibilitar o direito ao voto, em 2015.

Olhando historicamente a inserção na política, houve muitas conquistas. Mas segundo um relatório da Organização das Nações Unidas e da União Interparlamentar, o Brasil é o 140º de 188 países no ranking de representatividade feminina no âmbito político. No congresso brasileiro, somente 15% dos representantes são mulheres (ESTADO DE MINAS, 2020).

Por bastante tempo as mulheres eram submetidas à tutela de pais, irmãos ou até maridos. Elas precisavam de autorização para várias situações, entre elas sair, viajar, trabalhar fora de casa e até abrir uma conta no banco, por exemplo. No casamento, a mulher era considerada propriedade do marido, e no código penal brasileiro de 1890, o marido poderia matá-la sem ser punido alegando “legítima defesa da honra”, em caso de adultério.

Relações de gênero refere-se às relações entre as pessoas, sejam homens ou mulheres, cada um com um papel social. Para Robert Connel (1995, p. 189), “no gênero, a prática social se dirige aos corpos”. O conceito pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas, ou, então, como são “trazidas para a prática social e tomadas parte do processo histórico”. Para Guacira Lopes Louro (1998), as relações entre os gêneros continuam como objeto de atenção:

Homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas (e, usualmente, diversas). Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder. (LOURO, 1997, p. 41)

Foi no século XIX que elas começaram a conquistar, em alguns países, os direitos financeiros, como herdar bens e ter o controle sobre o próprio legado. Esse direito só foi formalizado em textos constitucionais no século XX. Já no casamento, foi na mesma época que as mulheres conquistaram direitos iguais, fruto de uma mobilização. Em 1977, o Brasil foi um dos últimos países a estabelecer o divórcio, e as divorciadas eram alvo de preconceito. Em 2018, as mulheres passaram a poder dirigir na Arábia Saudita, direito que não possuíam até então. Os direitos avançam na questão reprodutiva, direito à informação sobre como prevenir a gestação, acesso a métodos contraceptivos e interrupção da gravidez.

As mulheres pobres são as mais afetadas pela falta de informação e acesso aos métodos de proteção, o resultado é um maior número de filhos e abortos sem

segurança. As políticas familiares foram apresentadas no século XX e, em 1960, a pílula anticoncepcional passou a ser disponibilizada para mulheres de vários países. Apesar da disponibilidade de medicamentos, mulheres lutaram e lutam até hoje, em alguns países, pelo direito ao aborto. A partir de 1960, Estados Unidos e França reconheceram esse direito. Entre os anos 2000 e 2010 foi a vez de Portugal, Uruguai, Irlanda e Irlanda do Norte.

Já o Brasil é um dos países que adota uma legislação restritiva ao aborto, permitido em casos específicos, como quando a gravidez acontece devido ao estupro e quando implica risco de vida para a mãe ou para o feto. Na América Latina, o procedimento é legalizado em Cuba e no Uruguai. No início de 2021, em votação no Senado, a Argentina legalizou o aborto até a 14ª semana de gestação.

Desde 1970 a violência sexual ocorre em silêncio, o julgamento perante as vítimas e a ideia de que estupradores são movidos pelas ações de forma natural, uma masculinidade incontrolável. As mulheres, portanto, contribuíram para que esse tipo de conversa se tornasse pública, para que assim os agressores sejam denunciados. De 2010 em diante, mulheres decidiram compartilhar experiências difíceis em campanhas com grande impacto social, como o #MeToo, movimento marcado mundialmente sobre o assédio sexual por figuras públicas. Entre as reivindicações, pode-se perceber que, embora exista atualmente igualdade entre homens e mulheres na teoria, a igualdade na prática ainda precisa avançar. Mesmo com todas as conquistas, ainda vivenciamos uma sociedade machista desigual por conta do gênero.

Entendemos que existem inúmeras discussões sobre o papel da mulher na sociedade e a luta por direitos durante toda sua existência. Além das reivindicações, as mulheres se manifestaram por muito tempo na forma como eram vistas pelos homens, donas do seu próprio corpo. E esse corpo é visto, em alguns momentos, como objeto para a sociedade. Essa objetificação significa a banalização do corpo da mulher, em outras palavras, a aparência da mulher é muito mais importante do que outros aspectos que a definem como indivíduo.

Figura 1 - Tatiana Machado como Dona Carmina para uma propaganda da Skol



Fonte: Fernandes (2018)

Um dos lugares onde a objetificação da mulher foi mais forte nos anos 2000 foi em peças publicitárias. Em muitas campanhas, a mulher era hipersexualizada, e essa objetificação do corpo feminino trouxe diversos danos e transtornos para várias mulheres. A estereotipação é um desses danos, o qual é cobrado padrões irreais de uma cultura patriarcal, seja em ambientes de trabalho ou até em ambientes familiares. Definindo assim, um tipo de estereótipo bom ou ruim, certo ou errado, bonito ou feio e desprezando a mulher que não atender a essas características. A auto-objetificação da mulher é quando ela mesma se cobra esses padrões impostos pela sociedade, fazendo o mesmo com outras que acabam com a autoestima.

Figura 2 - A atleta Ingrid Oliveira durante os Jogos Olímpicos Rio 2016



Fonte: LANCE (2019)

Não são apenas as mulheres de campanhas publicitárias sexualizadas pela mídia, qualquer uma pode se tornar uma vítima. A atleta Ingrid Oliveira foi alvo de objetificação nas redes sociais quando postou uma foto em meados de 2016. A mulher que se objetifica não se compreende como ser humano e não conhece os valores que tem. Combater a objetificação é mostrar para as mulheres que elas são pessoas completas e capazes de qualquer coisa, que podem ser muito mais do que apenas objetos de prazer masculino.

A palavra “gênero” começou a ser usada a partir dos anos 1980 pelas feministas americanas e inglesas para expressar a desigualdade entre homens e mulheres e opressão nas mulheres. Assim como hoje, a desigualdade era mais forte conforme a raça, etnia, classe social e outras condições de vida. Apesar da pequena presença das mulheres na política, era visível que os salários das mulheres eram inferiores aos dos homens. Esse desequilíbrio sempre foi e ainda é justificado pela diferença biológica entre um e outro. Alguns acreditam que as diferenças sociais são necessárias e totalmente inevitáveis.

É possível observar, também, que usualmente se diz: "as mulheres são diferentes dos homens", ou seja, *elas diferem deles* - que devem ser tomados como a norma. Vale então repetir a reflexão de Terry Eagleton (1983, p. 143): "a mulher é o oposto, 'o outro' do homem: ela é o não homem, o homem a que falta algo (LOPES LOURO, 1998, p. 48).

A definição de gênero é complexa, podendo ter inúmeros significados. Entretanto considera-se as diferenças biológicas entre os sexos, reconhecendo as desigualdades, mas não a justificativa para a violência, a exclusão, e as diferenças nas oportunidades de trabalho, educação e na política. É uma forma de pensar e entender as relações sociais entre homens e mulheres.

É indispensável a compreensão de que o conceito da palavra “gênero” não está associado apenas aos corpos, mas à sociedade em que vivemos. Na definição de Scott (1995), gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e também um modo primordial de dar significado às relações de poder. Para ela, essas duas proposições estão relacionadas.

O termo “gênero” caracteriza seres humanos de sexos distintos (masculino e feminino). Já a literatura feminista acredita que a palavra enfatiza a noção de cultura, diferente do conceito de “sexo”, assumindo um caráter relacional do feminino e do masculino. Segundo Jaggar (1997), para algumas pessoas, o gênero pode importar ou não, em nosso mundo social e político, ele sempre tem importância. Para Guacira Lopes Louro (1998), o conceito de gênero está ligado à história do movimento feminista contemporâneo. A seguir, no Quadro 1, algumas das principais autoras e pesquisadoras sobre gênero e suas principais definições, e depois, o gênero do jornalismo.

Quadro 1 – Principais autoras sobre gênero e seus conceitos

AUTORAS	CONCEITO DE GÊNERO
Judith Butler	O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. (BUTLER apud HENRIQUE FIRMINO; PORCHAT, 2003, p. 59).
Joan Scott	(1) O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações de poder, mas a mudança não é unidirecional (SCOTT apud TORRÃO FILHO, 1990, p. 86).
Guacira Lopes Louro	[...] o conceito de gênero que pretendo enfatizar está ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo

	constituente desse movimento, ele está implicado linguística e politicamente em suas lutas [...] (LOURO, 1998, p.18).
Robert Connell	O gênero é sempre relacional, e os padrões de masculinidade são socialmente definidos em oposição a algum modelo (quer real ou imaginário) da feminilidade. (CONNELL, 2013).
Alison Jaggar	Para algumas pessoas, o gênero pode importar ou não, em nosso mundo social e político, ele sempre tem importância. (JAGGAR, 1997)

Fonte: Elaborada pela autora com base em pesquisas nas referências.

2.3 Qual é o gênero do jornalismo?

Consideramos salientar que na presente pesquisa foi proposto uma breve perspectiva histórica sobre o feminismo, para que possamos compreender sobre o gênero definido no jornalismo. Para isso, começamos com o livro Masculino, o gênero do jornalismo: modos de produção das notícias (VEIGA DA SILVA, 2014). A autora afirma que:

Ao investigar o jornalismo, tomando gênero como categoria analítica, epistemológica e impregnada pelo conceito de poder (Scott 1990; Bonetti, 2009), foi possibilitada uma compreensão sobre como o jornalismo produz relações de gênero e, deste modo, também está relacionado aos modos como se conhece os parâmetros normativos comportamentais e se aprende a ser e a valorar sujeitos em nossa sociedade. (VEIGA DA SILVA, 2014, p. 330)

Veiga da Silva (2014) narra como percebeu que a emoção é um dos valores-notícia determinante em seleção de matérias e dentro do programa que estudava, o quanto a incomodava a valorização de matérias a atributos do masculino e o destaque da emoção, associado portanto ao feminino. A análise da autora exemplifica a presença de uma hierarquia nos noticiários, semelhante a de gênero presente na sociedade. Além do padrão noticiário, o detalhamento proposto por Veiga evidencia os valores de gênero presentes na visão de mundo dos profissionais que compõem a metodologia de produção de notícias.

Observando-os durante a pesquisa, entendi que a subjetividade, lugar onde residem as visões de mundo, valores culturais e sociais dos indivíduos, é inconscientemente acionada durante os processos produtivos tornando-se parte integrante dos valores profissionais da cultura jornalística. E é também na subjetividade que residem as concepções de gênero (VEIGA DA SILVA, 2014, p. 267).

Entendemos que o jornalismo possui um papel determinante em traduzir acontecimentos e conhecimentos que são compartilhados com a sociedade. A perspectiva de Traquina (2005) é considerar que o jornalismo ajuda a construir a realidade que o constrói, sendo o jornalista participante na construção dessa realidade.

Traquina (2005) define que os valores-notícia “determinam se um acontecimento, ou um assunto, é suscetível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável” (2005, p. 61). Já Veiga da Silva (2014) avança ao afirmar que “são justamente os valores-notícia aqueles que conjugam tanto os valores subjetivos quanto os culturais e profissionais que são acionados e tomados como parâmetro para que um fato adquira status de notícia, e desse modo circule na forma de valores sociais” (2014, p. 243).

[...] a escola [como a mídia e o jornalismo] é masculina, pois ali se lida, fundamentalmente, com o conhecimento - e esse conhecimento foi historicamente produzido pelos homens. [...] Portanto, é possível argumentar que, ainda que as agentes do ensino possam ser mulheres [assim como o jornalismo é composto também por profissionais deste sexo], se ocupam de um universo marcadamente masculino - não apenas porque as diferentes disciplinas escolares [bem como os conhecimentos científicos e sociais majoritariamente produzidos em instâncias pedagógicas culturais] se construíram pela ótica dos homens, mas porque a seleção, a produção e a transmissão dos conhecimentos (os programas, os livros, as estatísticas, os mapas; as questões, as hipóteses e os métodos de investigação “científicos” e válidos; a linguagem e a forma de apresentação dos saberes) são masculinos.” (LOURO, 1997, p. 89)

O que fica evidente para Louro (1997) é que a escola, como o jornalismo, é atravessada pelos gêneros, sendo assim impossível pensar sobre a instituição (sobre a mídia) sem que se lance reflexões e pensamentos sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino.

O jornalismo a partir de tais pontos de vista é também aquilo que aponta Pâmela Caroline Stocker (2018) ao citar “uma nova configuração interativa entre jornalismo e leitores no ambiente de conversação em rede” (STOCKER, 2018, p. 57). Portanto o jornalismo atua como importante elemento na construção social da realidade, conferindo legitimidade a essa ‘nova verdade’ que está sendo relatada. (2018, p.57) Veiga da Silva (2014) traz em sua obra o pensamento de Motta (2006) sobre o jornalismo nessa construção social.

[...] o ato de ler, ver ou ouvir as notícias diariamente nos jornais pelos indivíduos é um ato cognitivo cultural por meio do qual as pessoas apreendem as informações que necessitam para suas vidas cotidianas, mas também para a sua existência enquanto sujeitos. Tomar conhecimento do mundo por meio das notícias é uma necessidade e um imperativo para os indivíduos na sociedade contemporânea, pois lhes seria impossível apreender esta complexa realidade sem a intermediação de meios tecnológicos (MOTTA apud VEIGA DA SILVA, 2006, p.48).

Desta forma podemos dizer que o jornalismo é um conhecimento social (MEDITSCH, 1992) que envolve determinados pontos de vista sobre a sociedade e a humanidade. O ato de ler, ver e ouvir uma notícia são ações necessárias para que a sociedade consuma as informações necessárias para o dia a dia. A seleção dos fatos que serão entendidos como acontecimentos noticiáveis (e os valores-notícia), bem como os processos de construção das notícias, também levam em conta, geralmente, apenas os elementos pertinentes à cultura profissional, indicando que estes se sobrepõem aos valores pessoais dos profissionais, como se estes não estivessem postos e atuando conjuntamente no processo (VEIGA DA SILVA, 2014, p. 76).

A escola [como a mídia e o jornalismo] é masculina, pois ali se lida, fundamentalmente, com o conhecimento - e esse conhecimento foi historicamente produzido pelos homens (LOURO, 1997). Para Veiga da Silva, a seleção de pautas é selecionada em gênero, como, por exemplo, arte e entretenimento é responsabilidade das mulheres, e política e investigação, dos homens. O jornalismo tem gênero e o gênero do jornalismo é masculino (VEIGA DA SILVA, 2014), e mais adiante demonstraremos um exemplo desse jornalismo.

3 JORNALISMO EM REDE

O desenvolvimento das tecnologias e da comunicação modifica práticas jornalísticas, tanto na estrutura das organizações, quanto no acesso às informações e na relação com o público. A internet transformou o jornalismo. As redes vêm desencadeando processos de convergência com impactos na produção de notícias. A tecnologia permite acesso global e em tempo real a conteúdos, e a "forma dos meios de comunicação social passou de uma recepção maioritariamente passiva e em massa para modos mais interactivos e individualizados de compromisso" (BRUNS, 2006, p. 282). Em anos recentes, o jornalismo no mundo inteiro passou a funcionar em rede (HEINRICH, 2011).

Tomemos como exemplo o caso Amanda Knox, objeto de estudo desta pesquisa. Na época, a imprensa global acompanhava cada movimento que ela fazia. A todo momento, canais de TV como ABC News, Channel 4 News, FOX 4 Now e CNN atualizavam redes sociais como Twitter e YouTube em cada passo sobre o caso. Era publicação após publicação, minuto a minuto. Publicações alimentadas, muitas vezes, pela mídia local ou de correspondentes atuando in loco, em um processo de retroalimentação que hoje conhecemos bem. Ou seja, um bom exemplo de jornalismo em rede. Neste capítulo, vamos entender o que é jornalismo em rede e por que ele é importante para analisarmos o caso da Amanda Knox. Para isso, vamos explorar o conceito de *gatewatching* (BRUNS, 2005) e também a própria ideia de jornalismo em rede (HEINRICH, 2011).

3.1 O que é jornalismo em rede?

Em um mundo no qual, muitas vezes, a velocidade da divulgação de uma informação é mais importante do que a qualidade dessa informação, coloca-se o jornalismo impresso em crise. O fato é que a relação do jornalismo com os meios antigos se modificam quando surgem novas formas de produzir e entregar a notícia. Foi assim quando surgiu a televisão, e na atualidade as relações com os meios existentes, modificam-se com a difusão da internet como mídia.

Desde o surgimento da internet comercial no Brasil, o jornalismo esteve presente. A Folha de São Paulo lançou em 1995 a FolhaWeb, primeiro site de notícias em tempo real (UOL/Folha de São Paulo). De lá pra cá, a capilaridade da internet vem transformando a comunicação das pessoas e também o jornalismo. Redações e

empresas de comunicação entenderam que a internet seria um novo veículo de mídia. O processo de adaptação do jornalista no ambiente digital está sempre um passo atrás das inovações tecnológicas. Os jornais impressos não desperdiçaram tempo, e logo começaram a desenvolver seus sites para ir ao ar.

Para Nelson Traquina, “as notícias acontecem na conjunção de acontecimentos e de textos. Enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia também cria o acontecimento” (TRAQUINA, 1993, p. 168). Para que a notícia seja veiculada e aceita ou recusada pelo leitor, há um longo caminho a ser percorrido. O produto final sempre será uma reconstrução dos acontecimentos, já que a realidade em si é inapreensível. Para Bill Kovach e Tom Rosenstiel, no jornalismo, “toda verdade é uma realidade interpretada” (Kovack e Rosenstiel, 2003, p. 467). Além disso, alguns pontos podem interferir na produção da notícia, como o tempo, a falta de dados e a obrigação de produzir o texto não importa em que condições, pois mais redações também estão fazendo o mesmo.

Os jornalistas se colocam como “mediadores entre a sociedade global e o indivíduo, ou entre a população e o poder público” (ABREU, 2003), é como “um intérprete da sociedade, com o papel de formar a opinião pública e defender o interesse público”. Dessa forma, os profissionais da comunicação devem informar os fatos para que a população forme sua própria visão e opinião. A última categoria vê o jornalista como um fiscal da sociedade (ABREU, 2003, p. 35-36).

Enquanto muitos temas competem pela atenção do público, somente alguns são bem-sucedidos em conquistá-lo, e os veículos noticiosos exercem influência significativa sobre nossas percepções sobre quais são os assuntos mais importantes do dia. (MCCOMBS, 2009, p.19)

Por outro lado, a internet permite que informações sejam geradas por pessoas que não necessariamente são jornalistas. Este número crescente de divulgadores de notícias, e as notícias globais momentâneas, indicam que a prática jornalística está em mudanças. Esta transformação é impulsionada por dois processos: a globalização e os avanços tecnológicos sob a forma de digitalização (HEINRICH, 2011). O jornalista no seu papel profissional deve prezar por passar a informação de uma forma verídica, com fundamentação, fontes e checagem de informações, contudo, cada vez mais tem ocorrido uma reinterpretação de matérias já produzidas. Esse processo de reinterpretação causa um efeito no qual a mensagem ao ser propagada sem uma devida verificação fica suscetível à ruídos e alteração de significado.

Segundo Heinrich (2011), as notícias têm lugar em um “espaço digital”, o que cria novos fatores de relevância: “velocidade, conectividade e flexibilidade”. No meio deste 'caos cultural', para adaptar o que McNair (2006) sugere como o fundamento sociológico das sociedades atuais, as organizações jornalísticas são desafiadas a responder. O uso do digital desafia o jornalismo em todas as fases que constituem a produção de uma notícia, do seu estágio inicial até a publicação.

Marcelo Träsel (2008) afirma que Keen (2007) propõe uma crítica cultural do jornalismo. Segundo ele, a utilização das tecnologias digitais indica um declínio na divulgação de conhecimentos valiosos e uma erosão do trabalho jornalístico de qualidade para o pior da sociedade, ele vê a Internet como um “assassino” da cultura e uma ameaça para o jornalismo de qualidade.

O uso dos meios multimídia quando são bem utilizados pelos jornalistas, podem facilitar a percepção da mensagem. Não servem somente para complementar a informação, como também servem para oferecer uma visão maior de um determinado acontecimento. A instigação acontece ao profissional em elaborar notícias que sejam eficientes e atrativas aos usuários da rede. “No webjornalismo a notícia deve ser encarada como o princípio de algo e não um fim em si própria. Deve funcionar apenas como ‘o tiro de partida’ para uma discussão com os leitores” (CANAVILHAS, 2001, p. 3). Os recursos de diálogos entre emissor e receptor evoluíram, mas são limitados.

(...) a abertura de novas formas de interação entre público e jornalistas nem sempre representa uma relação dialógica ou um processo de interação mútua. As relações de poder existentes fora da rede são também transpostas para o mundo online. Os níveis de decisão que envolvem a publicação, a angulação, a edição e seleção do conteúdo ainda permanecem na redação do jornal online. Assim, a participação e interação do leitor seguem determinadas, filtradas e monitoradas por jornalistas profissionais (SILVEIRA, 2009, pg. 11).

Os autores Primo e Träsel (2006) vão definir webjornalismo participativo como “práticas desenvolvidas em seções ou na totalidade de um periódico noticioso na Web, onde a fronteira entre produção e leitura de notícias não pode ser claramente demarcada ou não existe” (PRIMO e TRÄSEL, 2006, p. 10). Estas práticas são incentivadas pelos autores como maior acesso à internet para publicações e cooperações on-line, como por exemplo, a popularização de câmeras digitais e telefones celulares, discursos em defesa da livre circulação da informação, e insatisfação com os veículos jornalísticos e heranças da imprensa alternativa (PRIMO e TRÄSEL, 2006).

Dessa forma, o jornalismo em rede é velocidade e instantaneidade. É possível divulgar uma informação em diversos formatos e linguagens para um público específico. O jornalista é, como visto anteriormente, “um intérprete da sociedade, com o papel de formar a opinião pública e defender o interesse público” (ABREU, 2003). O jornalismo em rede não pode ser deixado de lado, apesar de algumas pessoas se passarem por comunicadores e existir esse ‘caos cultural’, a interação do público em rede é uma forma de entender e aprimorar o jornalismo feito atualmente no mundo virtual.

3.2 A construção da notícia no jornalismo em rede

Como visto anteriormente, depois do surgimento da internet a comunicação entre as pessoas e o jornalismo se revolucionou. A internet trouxe diversas mudanças como o perfil do jornalista, no jeito de se fazer jornalismo, tanto no acesso a informações como na forma de conteúdo, no ambiente das redações, dos jornalistas, público e na relação com as fontes. Segundo Aldé e Chagas (2005), os jornalistas, inseridos em um ambiente no qual a internet está sempre disponível, “em frente aos monitores conectados da redação, (...) passam a funcionar de acordo com a lógica do meio, baseada na interatividade, acessibilidade e atualização constantes” (ALDÉ e CHAGAS, 2005, p. 3-4).

Se espera do jornalista que procure conhecer e manipule diferentes tipos de linguagem nas redes, pois a internet une em uma plataforma várias mídias, dando lugar a uma produção de conteúdos cada vez mais multimídia e interativa.

Um processo multidimensional que, facilitado pela implantação generalizada das tecnologias digitais de telecomunicação, afeta o âmbito tecnológico, empresarial, profissional e editorial dos meios de comunicação, propiciando uma integração de ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens anteriormente desregulados, de forma que os jornalistas elaboram conteúdos que se distribuem através de múltiplas plataformas, mediante as linguagens próprias de cada uma. (SALAVERRÍA E AVILLÉS, 2008, p. 35)

A agilidade da informação, a linguagem específica nesses meios e o diálogo de forma mais direta com o leitor (colaborador de opiniões e alguns momentos serve como fonte) são alguns motivos que modificam as rotinas. Isso tudo para poder atender uma audiência cada vez mais exigente, participante e global. No início do século XXI, diversas normas e teorias do jornalismo são repensadas com foco em

mudar a prática jornalística, referente ao desenvolvimento das tecnologias da comunicação.

A internet possui uma linguagem própria no momento que começa a usar o texto, som e imagem, “baseada nas potencialidades do hipertexto e construída em torno de alguns dos conteúdos produzidos pelos meios existentes”. O jornalista, portanto, “passa a ser um produtor de conteúdos multimídia de cunho jornalístico - webjornalista” (CANAVILHAS, 2001, p. 2).

A teoria do *gatekeeper* foi aplicada primeiramente pelo pesquisador David Manning White nos anos 50, em um artigo na revista *Journalism Quarterly*. O psicólogo Kurt Lewin foi o primeiro a dar origem à palavra, que se refere a pessoa que toma decisões. “A difusão de notícias se faz através de canais ou cadeias e que nessas cadeias existem alguns pontos, portas ou diques por onde as notícias podem passar ou ficar retidas” (WHITE, 1973).

Em estudos sobre *gatekeeping*, o processo do fluxo de informação no jornalismo é como várias escolhas em que as notícias precisam passar por diversos *gates*, ou seja, portões. Esses “portões” são a área em que o jornalista decide qual notícia vai ser publicada e o qual não vai ser publicada. David Manning White entende que o termo baseia-se em um jornalista de meia idade, “Mr.Gate”, que estudou os motivos para rejeitar as notícias não utilizadas. White busca definir as razões de sua escolha devido aos critérios de valor conforme as expectativas da teoria.

A principal crítica que poderia ser-lhe feita é que o procedimento de seleção e a colaboração de notícias não dever ser considerados como fases isoladas, mas como o resultado da interação de vários agentes: as fontes de informação, o público e o jornalista como membro de uma organização que impõe uma modalidade de produção. (ALSINA, 2009, p. 216)

A teoria analisa as notícias a partir de quem as produz mesmo com suas limitações. O jornalista “é uma teoria que privilegia apenas uma abordagem microssociológica, ao nível do indivíduo, ignorando por completo quaisquer fatores macrossociológicos, ou mesmo, microssociológicos como a organização jornalística” (TRAQUINA, 2005, p. 151). A seleção e hierarquização dos fatos se baseiam no que chamamos de *valores-notícia*, em que as características como atualidade, importância, novidade, proximidade geográfica e interesse da audiência devem fazer parte da agenda da mídia. “Entre os conceitos incorporados estão a atribuição de *status*, a estereotipia, a construção de imagem e o *gatekeeping*. A atribuição de *status*

refere-se à saliência crescente de uma pessoa que recebe uma atenção intensiva da mídia” (MCCOMBS, 2009, p.135).

Atualmente os usuários da web podem compartilhar uns com os outros aquilo que observam e acham interessante, seja nas redes sociais, em sites de notícias e outras plataformas da mídia social, e com isso encontrar outros usuários que possuem interesse no mesmo tema. Mais adiante, Bruns (2005) vai reconhecer com outro tipo de definição que, as notícias que chegam ao usuário, o tornam um selecionador de notícias, ou seja, ele também decide o que escolher e não escolher.

Os jornalistas têm como função filtrar a informação na rede. Dessa forma, o papel do *gatekeeper* é fundamental no ambiente virtual, pois de tantas informações disponíveis, o público não dispõe de selecionar o que é relevante, importante e verdadeiro. Já para Pinto e Sousa (1998), “quando a internet proporciona um alargamento do espaço de divulgação e acesso à informação, é a função de *gatekeeper* do jornalista que fica comprometida” (PINTO e SOUSA, 1998).

Mas ao mesmo tempo o *gatekeeper* é um personagem obscuro e anônimo, que pode estar mais acima ou mais abaixo na escala hierárquica de um veículo, ou que pode estar trabalhando no lugar de outro porque o outro está de férias. A diversidade de pessoas, situações e momentos não são previsíveis e o mais curioso no processo de *gatekeeper* é que o resultado não se difere muito se quem ocupa o lugar na mesa é Fulano ou Beltrano. Os diversos veículos, trabalhando independentemente, tendem a selecionar as mesmas notícias (GOMIS, 1991, p.82).

Para Bruns (2005), o termo *gatekeeper* acaba perdendo sua importância, e compreende que o jornalista na web tem tido muitas vezes um papel comparável ao de um bibliotecário, selecionando e entregando ao público um material confiável. Dentro desse conceito o termo *gatekeeper* não seria o mais correto, e sim nesse caso se encaixaria melhor o termo *gatematcher*, pois

Eles observam o material que está disponível e é interessante, e identificam as novas informações ser úteis com objetivo de canalizar este material para atualizar e estruturar notícias que possam apontar direções para conteúdos de relevância e outras partes do material selecionado (BRUNS, 2005, p. 18).

Os usuários envolvidos em organizar as matérias e as informações com valor-notícia que estão disponíveis em vários canais não têm condições de guardar e controlar os portões destes canais.

A seleção dos fatos que serão entendidos como acontecimentos noticiáveis (e os valores-notícia), bem como os processos de construção das notícias,

também levam em conta, geralmente, apenas os elementos pertinentes à cultura profissional, indicando que estes se sobrepõem aos valores pessoais dos profissionais, como se estes não estivessem postos e atuando conjuntamente no processo. (VEIGA, 2014, p.76)

O jornalista seria portanto, um observador dos portões de saída dos veículos tradicionais e os não tradicionais, buscando informações para oferecer aos leitores. O termo *gatewatching* ajuda a formar a cobertura em diversos países no caso da Amanda Knox, o objeto de estudo deste trabalho e que será visto mais adiante. Para Escalonilla (2007) é importante se atentar às especificidades das redes, e afirma que elas são um espaço privilegiado para o jornalismo, podendo alcançar mais públicos, mas essa característica muda alguns critérios de noticiabilidade aplicados.

No entanto, que se tenha que selecionar não quer dizer que se faça exatamente igual a uma mídia convencional, pois a exigência de adequar os fatos e temas eleitos às peculiaridades do meio introduz certas mudanças no processo de seleção. Em primeiro lugar há que se perceber que a internet e o mundo virtual carecem de fronteiras, de modo que seu âmbito de difusão é mundial. Dessa característica dos meios online surge uma contradição no momento de aplicar os critérios de proximidade geográfica e cultural, contradição que a prática profissional tem resolvido com a especialização jornalística, como no cenário real, criando publicações de acordo com critérios locais ou temáticos, para públicos concretos, ou criando seções diferenciadas em função de espaços distintos de difusão enquanto os meios são generalistas. (ESCALONILLA, 2007, pg. 191-192)

As notícias nas quais as abordagens de *gatewatching* são utilizadas pelos usuários têm sido descritas incorretamente como “jornalismo cidadão”, um nome problemático que o que os participantes praticam seria igual ao jornalismo tradicional, e que os jornalistas focados na indústria não são cidadãos. Outra abordagem de *gatewatching* tem como foco principal na republicação, divulgação e no contexto do material ao invés do desenvolvimento do conteúdo jornalístico.

Com as contribuições do sociólogo francês Jean Baudrillard (1983), *gatewatching* pode ser visto como um exemplo de hiper-realidade, ou seja, a integração do público à produção de conteúdo no meio virtual representa uma falsa ideia de participação. O modelo de *gatewatching*, segundo essa hipótese, é superestimado, tendo em vista que os avanços tecnológicos não são capazes de transpor as barreiras de produção de conteúdo. Para Jean Baudrillard, a era de hiper-realidade é vista a partir da existência de simulacros e simulações, mecanismos cuja função é esconder a realidade (1998). Esses mecanismos são observados em

experiências, códigos, meios digitais e objetos sem referencial que se apresentam como mais reais que a própria realidade, ou seja, hiper-reais.

As hiper-realidades são fundadas sob a ideia de que a realidade é construída, e que é possível construir elementos mais reais que o próprio real. Parte das reflexões chave do pós-modernismo, as hiper-realidades não pressupõem que cada um partilha uma mesma realidade, mas que existem realidades simuladas, nas quais os utilizadores podem realizar atividades que não poderiam ou queriam fazer na realidade (Kaplan & Haenlein, 2010, p. 6).

Sendo assim, os jornalistas conseguem fazer uma contribuição para os esforços colaborativos de trabalhar a matéria que acontece atualmente por meio das redes. Esses profissionais precisam trabalhar para mostrar o valor que fornecem aos usuários de notícias, seja pela investigação profissional, *curation* e comentários. Esses diferentes tipos de públicos não estão em um espaço on-line ou em uma plataforma, mas se espalham em várias redes. O trabalho jornalístico não ocorre em silêncio, ele precisa ser feito à vista e com a colaboração dos usuários das notícias, ou seja, o público. O jornalismo se tornou uma atividade com a interação dos usuários em massa.

3.3 O caso Amanda Knox

Amanda Marie Knox nasceu em Seattle, Washington, nos Estados Unidos, e sempre foi apaixonada pela Itália. Aos 20 anos se mudou para Perugia, no centro da Itália, em meados de setembro de 2007, onde daria continuidade aos seus estudos. Suas colegas de quarto eram duas italianas: Filomena Romanelli, Laura Mezzetti, e a britânica Meredith Kercher.

No primeiro dia de novembro do mesmo ano, sua colega de quarto Meredith Kercher, que tinha 21 anos, foi encontrada morta no quarto onde dividia o local com suas três colegas. Naquele dia, Amanda disse que não dormiu em casa, mas que estava com seu namorado, o italiano Raffaele Sollecito. Segundo ela, a porta do quarto onde encontrava-se Meredith estava trancada e não conseguiu abri-la. Chamou Raffaele para ajudá-la e sem sucesso, decidiram chamar a polícia.

Meredith se mudou para Perugia por volta de um mês antes de sua morte, devido um intercâmbio na Universidade de Perugia. Em alguns momentos, Meredith e Amanda não se entendiam devido à desorganização dos quartos, mas não era um motivo para que fossem conviver de forma insuportável.

Amanda afirma que a polícia italiana pediu para que ela e Raffaele pudessem aguardar do lado de fora da casa. Alguns jornais, principalmente da Itália e dos Estados Unidos, entenderam que Amanda era culpada logo que seu nome surgiu e uma série de matérias sensacionalistas a seu respeito foram publicadas, colocando-a em uma posição negativa, atacando assim, sua vida sexual e personalidade. A possibilidade das suspeitas para o casal foi devido a calma a qual transmitiam e carícias, como a troca de beijos e abraços enquanto a perícia fazia o trabalho no local. Chegou-se à conclusão de que havia violência sexual contra a jovem Meredith.

O argumento mais relevante que levou à prisão do casal, em 6 de novembro de 2007, foi uma faca encontrada na casa de Raffaele que continha o DNA de Amanda de um lado, e do outro o de Meredith. A polícia italiana acreditava também, que, na noite do crime, Amanda queria sexo grupal na casa onde moravam, e Meredith não teria aceitado a ideia, sendo assim estuprada e morta.

Além do casal, o jovem Rudy Guede também foi acusado de estupro seguido de assassinato. Nascido na Costa do Marfim e adotado por um italiano, na época com 21 anos, sua ficha criminal continha tráfico de drogas. Na noite do crime, Rudy trocou mensagens com Meredith, ele afirma que os dois tiveram relações sexuais mas que não a matou. Segundo o jovem, alguém entrou na casa e cometeu o crime enquanto ele estava em outro cômodo; não conseguiu relatar à polícia quem era, e fugiu do local após o ocorrido.

Em outubro de 2008, ocorreu o julgamento de Rudy em que a justiça italiana decidiu condená-lo a 30 anos de prisão por estupro e participação na morte da jovem Meredith. Ainda preso na Itália, o jovem conseguiu recorrer com a sentença e sua pena diminuiu para 16 anos. No fim de 2009, o casal Amanda e Raffaele foi julgado e condenado a 26 anos de prisão pelo assassinato. Dois anos depois, o caso deu uma reviravolta, dando assim a absolvição de ambos. Já em 2013, a justiça italiana solicitou um novo julgamento, e no ano seguinte, eles foram novamente condenados. No fim de março de 2015, a alta Corte Italiana entendeu que houve falhas nas investigações da polícia e resolveu absolver o casal, dando assim o encerramento do caso. Os peritos afirmaram que o DNA de Amanda encontrado na faca se mostrou insuficiente para provar que ali também continha o DNA de Meredith.

A defesa de Amanda acredita que o caso teve fortes interferências da mídia, com notícias negativas sobre a jovem que influenciaram nas investigações até o julgamento. No documentário disponível na Netflix, "Amanda Knox", o repórter Nick

Pisa que cobriu o assassinato e que na época estava no jornal Daily Mail, defendeu a mídia e concluiu:

Eu acho que no fim das contas os responsáveis foram a polícia e a promotoria, eles cometeram erros crassos e se concentraram em teorias absurdas. Ficaram totalmente obcecados por elas. (PISA, Nick. Documentário 'Amanda Knox', 2016.)

Amanda Knox alegou que sofreu maus tratos enquanto era interrogada sobre o caso, decidiu portanto, entrar com uma ação contra a justiça italiana a qual foi aceita em 2016. Em uma entrevista à rede ABC, a jovem afirmou:

Eu estava no tribunal quando eles me chamavam de diabo. Uma coisa é ser chamada de certas coisas pela mídia, outra é estar sentada em um tribunal, lutando por sua vida, e ver as pessoas te chamando de diabo. (KNOX, Amanda, Entrevista à rede ABC)

Em 2013, a jovem lançou sua biografia chamada "Waiting to Be Heard" (Esperando para ser Ouvida), que lucrou mais de 4 milhões de dólares, segundo o repórter da BBC, David Willis.

4 ANÁLISE

Anteriormente vimos o que é jornalismo em rede e como é construída a notícia dentro desse tipo de jornalismo. As teorias de *gatekeeping* e *gatewatching* foram importantes para compreendermos a trajetória da notícia pouco antes de ser publicada. Neste capítulo, será analisado o objeto de pesquisa: a reportagem do jornalista Nick Pisa. Ao fim do capítulo, serão mostrados exemplos de manchetes de como o jornalismo do repórter britânico se espalhou facilmente por portais internacionais.

4.1 Metodologia

Para a realização desta monografia utilizou-se pesquisas bibliográficas, análise de conteúdo e de cobertura jornalística. A metodologia do trabalho irá se desenvolver na análise de conteúdo, ao buscar a interpretação e o significado da mensagem em questão, segundo Rocha (2005), esse tipo de análise pode ser descrito como:

Trata de um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos, de descrição do conteúdo das mensagens, além disso, aposta altamente no rigor como forma de não se perder na heterogeneidade de seu objeto (ROCHA; DEUSDARA, 2005, p.?).

Para a realização do trabalho, optou-se por analisar uma notícia publicada no dia 11 de janeiro de 2008, “CSI technique leads Italian police to bloody footprint in Foxy Knoxy’s bedroom” (“Técnica de investigação de cena de crime leva a polícia italiana a uma pegada sangrenta no quarto de Foxy Knoxy”) pelo jornalista Nick Pisa, que trabalhava na época para o jornal britânico Daily Mail. A partir da análise desta matéria, é realizado um comparativo para demonstrar um padrão adotado pelo jornalista em outras três manchetes publicadas por ele. Tendo ganhado destaque na época, tais manchetes podem ser observadas durante o documentário Amanda Knox, dos diretores Brian McGinn e Rod Blackhurst, disponível na plataforma da Netflix.

A reportagem é observada a partir de três categorias: “Objetificação da Mulher na Mídia”, “Responsabilidade Profissional do Jornalista” e “Jornalismo em Rede”. É importante ressaltar que o intuito dessa pesquisa não é se colocar em uma posição de defesa, mas trazer uma análise do objeto pesquisado. A primeira categoria, denominada “Objetificação da Mulher”, procura analisar se o jornalista deu mais enfoque à imagem da Amanda do que propriamente sua ligação com o caso. A

emergência e a fundamentação dessa categoria foram baseadas nas discussões realizadas no capítulo 2, “Relações de Gênero”, desta monografia.

Assim como foi discutido anteriormente no subcapítulo 2.3, “Qual é o gênero do jornalismo?”, o jornalismo possui um papel determinante em traduzir acontecimentos que são compartilhados com a sociedade. Para Traquina (2005) o jornalismo ajuda a construir a própria realidade, sendo o jornalista participante na construção dessa realidade. A responsabilidade do jornalista britânico era trazer as informações e acontecimentos sobre o crime, agindo, assim, de forma responsável no caso. Porém, o jornalista moldou a notícia de forma a transformar a principal acusada naquele momento, em uma personagem repleta de adjetificações carregadas de conotações sexuais, fazendo com que sua vida pessoal gerasse mais cliques e visualizações em suas reportagens.

A realização da segunda categoria da análise se desenvolveu com base no debate da responsabilidade inerente à atividade do profissional de jornalismo. A preocupação de ser o primeiro a noticiar, uma visão muito mais voltada para o comercial, a frente de verificar e somente publicar a reportagem após uma total certeza de sua autenticidade é um dos exemplos que serão discutidos nesta categoria.

Já a terceira e última categoria, “Jornalismo em Rede” demonstra como o jornalismo produzido pelo Daily Mail acabou sendo reproduzido também em outros países, e quais as consequências dessa conexão em rede. Essa categoria foi realizada com base no terceiro capítulo deste trabalho intitulado de “Jornalismo em Rede”. Ela foi escolhida porque é possível encontrar inúmeras matérias com o termo “Foxy Knoxy” nas redes.

4.2 Objetificação da Mulher na Mídia

Para analisar a objetificação da mulher no caso de Amanda será apresentada uma reportagem realizada pelo jornalista britânico Nick Pisa. O foco da análise é a manchete da matéria e as fotos que a ilustram. A reportagem mostra uma foto de Amanda e Raffaele se beijando enquanto a perícia investigava o local. Em várias partes da reportagem, desde a manchete até as fotografias, nota-se uma visão masculina que reforça o conceito de Guacira Louro (1997), que diz que a bagagem de conhecimento trabalhada pela mídia é historicamente construída pelo viés do homem.

O caso da Amanda, relatado no subcapítulo 3.3, repercutiu muito, principalmente na Europa. O jornal britânico Daily Mail foi um dos que mais ganhou destaque na imprensa italiana. O título da matéria estudada é “Técnica CSI leva a polícia italiana à pegada sangrenta ao quarto de Foxy Knoxy”, onde Nick Pisa relata que foi descoberta, pelo time de investigação, uma pegada de sangue no quarto de Amanda. Os investigadores italianos usaram luminol para que os vestígios de sangue fossem encontrados, mesmo que tenham sido limpos ou removidos. A vítima foi encontrada um dia após o ocorrido, 2 de novembro de 2007, seminua e com a garganta cortada.

O termo “Foxy Knoxy”, utilizado no objeto de análise deste trabalho, foi retirado pelo jornalista britânico no MySpace de Amanda, uma rede social da época, e foi usado em várias manchetes de jornais, na tradução pela plataforma da Netflix como “Gatinha Knoxy”. A manchete do dia 11 de janeiro de 2008 foi produzida em meados do mesmo ano que o termo “Foxy Knoxy” mais viralizou, além de ser um termo que foi interessante para os jornais mundiais, como veremos mais ao fim do capítulo. É possível compreender nas próximas imagens que a vida pessoal de Amanda era mais interessante do que as apurações sobre o caso. A autora Márcia Veiga traz um trecho de Mazziotti sobre isso em seu livro:

Um exemplo disso são os noticiários, que cada vez mais "incorporam histórias de vida, casos individuais, que têm mais a ver com programas de verdade do que com informação. Ou as notícias, cada vez mais formuladas de maneira espetacular como *infotainment* (*sic*) (info-entretenimento)" (MAZZIOTTI apud VEIGA DA SILVA, 2002, p. 211-212).

A reportagem foi, desta forma, dividida em três partes para uma melhor análise. Primeiramente, a manchete da reportagem a qual consta o termo “Foxy Knoxy” logo de início.

Figura 3 - Manchete do objeto estudado

CSI technique leads Italian police to bloody footprint in Foxy Knoxy's bedroom

By NICK PISA
Last updated at 15:50 11 January 2008

Fonte: Daily Mail (2008, online)

“Técnica CSI leva a polícia italiana à pegada sangrenta ao quarto de Foxy Knoxy”. O jornalista traz na manchete a informação sobre as investigações da perícia italiana, mas logo o termo é trazido para chamar a atenção do leitor. Nick ainda menciona no documentário que muitas manchetes foram produzidas com o mesmo termo.

A segunda parte da reportagem mostra uma foto de Amanda vestida em tons sóbrios e de salto. É provável que a intuição do jornalista fosse mostrar o corpo de Amanda e seus traços físicos, o que seria uma forma preconceituosa de se referir à jovem. No documentário, o jornalista se refere à Amanda como “loirinha bonita, vinte e poucos anos”. Para ele havia uma intriga sexual ligada ao crime.

Figura 4 - Foto utilizada por Nick Pisa



Fonte: Daily Mail (2008, online)

A terceira e última parte mostra uma foto de Amanda e Raffaele se beijando um dia depois do crime. Uma amostra de como os dois estavam apresentando comportamentos “inadequados”, segundo a perícia e a imprensa, enquanto a casa de Meredith e Amanda era revistada. O objeto de análise completo desta monografia segue no anexo I.

Figura 5 - Amanda e Raffaele



Fonte: Daily Mail (2008, online)

Além do objeto de análise, o mesmo jornalista enviava outros exemplos de manchetes sensacionalistas ao jornal Daily Mail, em Londres, segundo o site de entretenimento britânico ShortList (2016) e o próprio documentário disponível na Netflix (2016). Seguindo com a mesma linguagem, reforçando uma imagem estereotipada de Amanda, conforme pode-se analisar pelos títulos abaixo:

Figura 6 - Manchete “Garota temia brinquedo sexual de Knoxy”



Fonte: Netflix (2016)

Figura 7 - Manchete “Orgia de morte”



Fonte: Netflix (2016)

Figura 8 - Manchete “Meredith 'vítima de ritual vodu' ”



Fonte: Netflix (2016)

Para a autora Marcia Veiga, “o jornalismo é, na perspectiva aqui adotada, um conhecimento social e cultural” (VEIGA, p.56) e usa esse “conhecimento” machista ao se referir a Amanda. A autora conclui, em seu estudo, algo que podemos ver ao longo do capítulo: “o jornalismo tem gênero e o gênero do jornalismo é masculino.” (VEIGA, p.21)

É possível perceber que, por meio da reportagem e das manchetes, a imagem de Amanda é o principal foco, seja em seu aspecto físico, em relações e até com fotos pessoais. Esse é um exemplo de jornalismo sensacionalista no qual o único foco do jornalista era obter cliques, trazendo poucas informações e apurações sobre o crime.

4.3 Presença da Responsabilidade Profissional do Jornalista

O jornalista do Daily Mail Nick Pisa surge no caso de Amanda Knox como um dos primeiros profissionais a chegar ao local do crime, em 2007, em Perugia, na Itália. Ele fez parte de cobertura sensacionalista do caso, enchendo manchetes com referências sexuais e caracterizando Amanda como a "devoradora de homens", conforme pode ser visto no próprio documentário “Amanda Knox” disponível na

plataforma da Netflix. “Um assassinato sempre agita as pessoas”, afirmou Pisa. “Há um pouco de intriga, um pouco de mistério. Uma história de detetive. E temos aqui esta bela cidade pitoresca sobre a colina no centro da Itália. Foi um assassinato abominável: garganta cortada, seminua, sangue por toda parte. Quer dizer, o que mais você quer em uma história? Talvez a única coisa que falte seja a família real, o papa, ou algo do gênero”, relata Nick no documentário da Netflix.

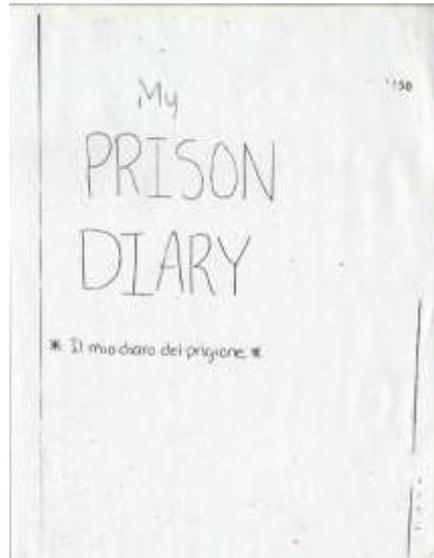
Figura 09 - Jornalista Nick Pisa no documentário “Amanda Knox”



Fonte: Netflix (2016)

Ao longo do documentário disponível na plataforma da Netflix, o jornalista explica como obteve em primeira mão os depoimentos de suspeitos, documentos da investigação e um diário que Amanda escreveu enquanto estava presa na Itália, onde ela conta como foi pensar na probabilidade de que estaria com HIV, e fez uma lista de todos os homens com quem já havia tido relações. É nesse momento que escutamos um dos produtores do documentário questionando como o diário de Amanda chegou até o jornalista. “Bem, nós (jornalistas) nunca revelamos as nossas fontes. Esse é o segredo. Pois se fizer isso, estará traindo todos os seus princípios jornalísticos, certo?”, diz Pisa. Entretanto, o diário acabou vazando para toda a imprensa da época, Nick afirma no documentário que acredita ter sido o primeiro a ter acesso.

Figura 10 - Diário de Amanda Knox na prisão



Fonte: Twitter Modus Operandi (2016)

Após conseguir o diário de prisão da Amanda, o assunto que o jornalista britânico focou em suas manchetes foram sobre os nomes de homens que Amanda havia escrito no diário e tido relações sexuais.

Figura 11 - Manchete sobre o diário de Amanda Knox na prisão

Foxy Knoxy protests innocence and details her many lovers - and her fan-mail - in prison diary

By [NICK PISA FOR MAILONLINE](#)
 UPDATED: 01:51 BST, 25 June 2008

Fonte: Daily Mail (2008, online)

“Foxy Knoxy protesta inocência e detalha seus muitos amantes - e sua correspondência de fãs - no diário da prisão”. A manchete do dia 25 de junho de 2008 foi feita cinco meses depois da reportagem analisada anteriormente. Pode-se perceber que, ao invés do jornalista usar o nome de Amanda, o apelido “Foxy Knoxy” seguiu com força nas manchetes de Nick, além de ter como prioridade detalhes da vida pessoal da acusada.

Atualmente, o jornalista é repórter do The Sun, outro tabloide sensacionalista britânico. Durante uma hora e meia do documentário, apresenta-se confiante e orgulhoso, relatando as vezes em que foi capa do jornal Daily Mail. “Ver seu nome na primeira página com uma ótima história da qual todo mundo está falando é

simplesmente um burburinho fantástico ... como fazer sexo ou algo assim” (PISA, Nick, 2016. Netflix), admite o jornalista. Suas reportagens condenam o casal e desconsideram Rudy Guede como suposto assassino, por ser “menos interessante”. Segundo Maxwell MCcombs, “matérias de primeira página no jornal têm duas vezes mais leitura do que as que aparecem em suas páginas internas. Matérias com ilustração gráfica atrativa e títulos maiores atraem mais leitores” (2009, p.87). Embora esteja falando de jornais impressos, a matéria analisada também circulou nas redes, e a ideia anterior de Maxwell (2009) também se aplica a essa realidade.

No decorrer do documentário disponível na Netflix, o jornalista demonstra a todo momento que era importante para ele ser o primeiro nas publicações que envolviam o nome de Amanda. Esse comportamento demonstra que as informações obtidas por ele não eram checadas, ou seja, havia uma preocupação maior em publicar uma informação antes que outros jornais do que checar propriamente se o fato era verídico ou não.

Mas, ei, o que devemos fazer, sabe? Somos jornalistas e estamos relatando o que nos dizem. Não é como se eu pudesse dizer, 'Certo, espere um minuto. Eu só quero verificar isso eu mesmo de alguma outra maneira.' Quer dizer, só Deus sabe como. E então eu deixo meu rival entrar primeiro antes de mim, e então, ei, eu perdi um furo. (PISA, Nick, 2016. Netflix)

No documentário, o jornalista culpa a polícia italiana pela prisão de Knox. Além de acreditar que as autoridades locais foram apanhadas com algumas ideias "malucas" que não eram verídicas. Marcia Veiga traz um trecho de Meditsch em seu livro na qual pode explicar o posicionamento do jornalista diante do caso:

Todo conhecimento social, e **o jornalismo é um conhecimento social, envolve determinado ponto de vista sobre a História, sobre a sociedade e sobre a humanidade.** E como humanidade e História são processos que estão em construção, naturalmente não existe um jornalismo puramente objetivo, ou seja, um jornalismo que seja absolutamente neutro. Isto não acontece por motivos de ordem psicológica, como dizem os manuais. Não é porque o indivíduo está psicologicamente envolvido com o fato, mas porque toda a forma de conhecimento pressupõe também um posicionamento do sujeito diante do objeto. Essa é a razão mais profunda porque **o próprio jornalismo implica uma visão ideológica, implica um posicionamento ético e político sobre a realidade** (Meditsch, 1992, p. 31-32, grifos da autora).

Seguindo o que Meditsch descreve na citação acima, o jornalista Nick Pisa pode ter seu trabalho visto como fruto da bagagem de conhecimento adquirida ao longo de toda sua vida. Pode-se considerar aí também a influência cultural do tabloide, reconhecidamente sensacionalista, para o qual trabalha.

No documentário da Netflix, o jornalista justifica suas escolhas de manchetes devido ao que a polícia italiana trazia à imprensa. Ele relata no fim do documentário que o jornalista não checa as informações com outras fontes, pois perderia a “liderança”. O que talvez não se imaginava é que o termo “Foxy Knoxy” adotado por ele, seria "comprado" por portais de outros países do mundo.

4.4 Jornalismo em Rede

O caso de Amanda faz parte do jornalismo em rede desde o começo. Como visto anteriormente no capítulo três, Heinrich (2011) deixa claro que as notícias têm lugar em um “espaço digital”, o que cria novos fatores de relevância: “velocidade, conectividade e flexibilidade”. Não somente o crime ocorrido teve velocidade e propagação nos noticiários, mas a imagem de Amanda também.

Apesar de jornalistas de praticamente o mundo inteiro estarem em Perugia, ainda assim algumas empresas jornalísticas optaram por não enviar correspondentes para o local, mas apurar as informações conforme iam chegando sobre o caso. Alguns jornais que acompanhavam o caso na cidade eram de extrema importância para servir como base de informações, como, por exemplo, o próprio jornal britânico Daily Mail. Entretanto, em algum momento, a personagem Amanda começou a ser mais importante do que o próprio caso. O próprio jornalista Nick Pisa comenta no documentário da Netflix que, da mesma forma que as pessoas estavam perguntando a ele como pôde ficar tão envolvido no caso, eram as mesmas pessoas pesquisando o nome de Amanda nas redes.

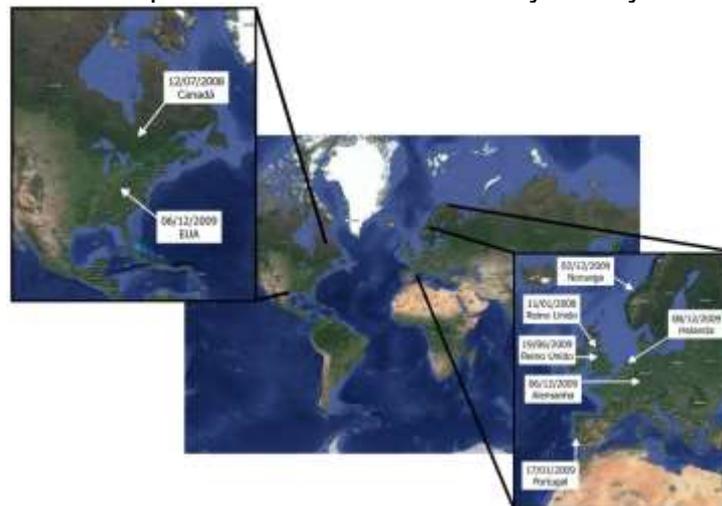
É importante reforçar a ideia do capítulo três, no qual o jornalista no seu papel profissional deve prezar por passar a informação de uma forma verídica, com fundamentação, fontes e checagem de informações. Dessa forma, cada profissional ao replicar o termo “Foxy Knoxy”, consciente ou inconscientemente acaba por reproduzir o comportamento misógino manifestado pelo colega britânico.

Como o objeto de análise dessa pesquisa é a manchete da reportagem vista anteriormente, entende-se que o apelido “Foxy Knoxy” é o principal destaque a ser observado. Jornais de várias partes do mundo adotaram o termo que se espalhava facilmente na época, portanto, foram selecionadas algumas dessas reportagens que utilizaram o termo em suas manchetes.

Para uma fácil visualização, foi elaborado um mapa para mostrar de forma cronológica a propagação do termo. Não foram selecionadas todas as reportagens do

mundo inteiro, mas algumas, para que se possa entender o tamanho da proporção que esse apelido ganhou. Pode-se perceber que há mais manchetes que utilizam o termo “Foxy Knoxy” na Europa, o que é compreensível, uma vez que o crime aconteceu em Perúgia, na Itália.

Figura 12 - Países que adotaram o termo “Foxy Knoxy” nas manchetes



Fonte: Elaborada pela autora com base em pesquisas nas referências.

A manchete do dia 11 de janeiro de 2008 no Reino Unido, conforme mostra o mapa acima, é o objeto de análise visto anteriormente. As manchetes dos outros países serão demonstradas de forma cronológica, após a publicação do Daily Mail. O primeiro exemplo com o termo “Foxy Knoxy” utilizado na manchete data seis meses após o objeto analisado, no dia 12 de julho de 2008, pelo Content TIME no Canadá.

Figura 13 - Manchete “O caso Foxy Knoxy ainda turva a Itália”



Fonte: Jornal canadense Content TIME (2009)

Ao decorrer das reportagens, entende-se que os jornais observados "compraram" a ideia do apelido dado à Amanda, importando o preconceito que se originou no jornalista Nick Pisa. A segunda manchete é do dia 17 de janeiro de 2009, quando o portal Diário de Notícias, de Portugal, utilizou o apelido. O termo também é usado no início da reportagem, além de relatar sobre o julgamento e mencionar os 140 jornalistas presentes em uma pequena sala.

Figura 14 - Manchete “'Foxy Knoxy' começa a ser julgada em Perúgia”



Fonte: Jornal português Diário de Notícias (2009)

Conforme visto anteriormente no capítulo três, Jornalismo em Rede, o jornalista seria portanto, um observador dos portões de saída dos veículos tradicionais e os não tradicionais, buscando informações para oferecer aos leitores. O termo *gatewatching* ajuda a formar a cobertura nos países do mapa mundi no caso da Amanda Knox. Isso, para Escalonilla (2007), se enquadra como uma das características trazidas pelo jornalismo em rede, que é a alteração em alguns casos de critérios de noticiabilidade e de geração/replicação de reportagens. O terceiro exemplo de manchete é o jornal METRO do Reino Unido, do dia 19 de junho de 2009.

Figura 15 - Manchete “Foxy Knoxy e Meredith ‘se davam bem’”



Fonte: Jornal britânico METRO (2009)

A quarta manchete é do jornal holandês NIEUWS, publicada no dia 12 de agosto de 2009. É possível perceber ao longo das matérias que o jornalismo de Nick Pisa se propaga de forma sensacionalista e machista. Um fluxo informacional, no qual o jornalismo interconectado se espalha em manchetes internacionais.

Figura 16 - Manchete “Foxy Knoxy teve que ser absolutamente condenada”



Fonte: Jornal holandês NIEUWS (2009)

Existe entre as manchetes uma interconexão, e, mais do que isso, uma cópia de termos-chave. Isso evidencia a prática, por parte dos jornalistas, da observação em matérias de concorrentes e uma apropriação do que consideram atraente aos leitores. Outra abordagem de *gatewatching* tem como foco principal na republicação, divulgação e no contexto do material ao invés do desenvolvimento do conteúdo jornalístico. A quinta manchete é do jornal norueguês VG, do dia 2 de dezembro de 2009.

Figura 17 - Manchete “A defesa pede a absolvição de ‘Foxy Knoxy’”



Forsvaret ber om frifinnelse av «Foxy Knoxy»

Fonte: Jornal norueguês VG (2009)

Repare-se ao decorrer das manchetes que o apelido “Foxy Knoxy” ganha força nas manchetes em 2009, um ano após a manchete de Nick Pisa. Na Alemanha, o termo foi adotado pelo jornal Frankfurter Allgemeine em 6 de dezembro de 2009.

Figura 18 - Manchete “As últimas lágrimas de ‘Foxy Knoxy’”



Fonte: Jornal alemão Frankfurter Allgemeine (2009)

A última manchete do dia 6 de dezembro de 2009, do jornal americano New York Post, também publicou uma matéria na mesma data que o jornal anterior, apropriando-se do termo na manchete. Na notícia, Amanda foi condenada a 26 anos de prisão.

Figura 19 - Manchete “Foxy Knoxy no ‘suicide watch’”



Fonte: Jornal americano New York Post (2009)

O jornal Daily Mail teve grande influência para que outros jornais do mundo pudessem criar suas próprias matérias para seus respectivos jornais e portais. Entretanto, o termo “Foxy Knoxy” foi “comprado” por esses jornais para que pudessem gerar “page views” e audiência, trazendo consequências para o jornalismo em rede, como a propagação de um jornalismo sensacionalista e machista, além da falta de verificação dos fatos colhidos.

Entre as categorias analisadas, a primeira em que Amanda Knox foi objetificada pelo jornalista Nick Pisa e pelo jornal Daily Mail, além de que, na segunda categoria, não houve a presença da responsabilidade profissional do jornalista ao se referir à Amanda tanto na manchete do objeto estudado quanto no documentário disponível na plataforma da Netflix. Na terceira categoria, compreende-se que o termo adotado por Nick foi importado e comprado por outros jornais e portais de notícias de outros países.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que mulheres tenham mais posições em redações jornalísticas, não faz muito tempo que isso foi possível. O que mudou é que, por exemplo, podemos ver mais mulheres apresentando os noticiários de esporte, o que antes era visto somente com homens. Podemos ver também mulheres ocupando e exercendo cargos de maior responsabilidade. O que não mudou é que, apesar dessas conquistas, o jornalismo é e continua sendo masculino.

Antes da apresentação dos resultados finais, é necessário retomar alguns pontos desenvolvidos ao longo da monografia, como questões de gênero e jornalismo em rede. No século XIX as mulheres começaram a conquistar, em alguns países, os direitos financeiros, os quais foram formalizados em textos constitucionais no século XX. Já no casamento, foi na mesma época que as mulheres conquistaram direitos iguais, fruto de uma mobilização. Em 1977, o Brasil foi um dos últimos países a estabelecer o divórcio, e as divorciadas eram alvo de preconceito.

Em 2018, as mulheres passaram a poder dirigir na Arábia Saudita, direito que não possuíam até então. Os direitos avançam na questão reprodutiva, direito à informação sobre como prevenir a gestação, acesso a métodos contraceptivos e interrupção da gravidez.

No jornalismo em rede, processos de convergência vêm desencadeando impactos na produção de notícias. A tecnologia permite acesso global e em tempo real a conteúdos, e a "forma dos meios de comunicação social passou de uma recepção majoritariamente passiva e em massa para modos mais interativos e individualizados de compromisso" (BRUNS, 2006, p. 282).

Para a realização deste estudo, a autora optou pela reportagem feita em janeiro de 2008 pelo jornalista britânico Nick Pisa, do jornal Daily Mail. Na matéria, a forma como a imagem de Amanda é tratada, tanto na manchete, que usa o apelido "Foxy Knoxy" quanto na própria reportagem é machista e sensacionalista. Esse "jornalismo" por Nick acaba se propagando internacionalmente nas redes e jornais. Não é possível, no entanto, afirmar que o tabloide britânico sempre foi, ao longo de seus 125 anos de existência, sensacionalista em todas as matérias ou reportagens já produzidas. Mas neste caso é possível perceber que não só foi uma reportagem sensacionalista, como também machista e misógina.

No capítulo dois a autora traz as relações de gênero, às quais foram abordadas as lutas e inter-relações entre gêneros que ocorrem desde o século XIX, trazendo autoras como Scott (1995) e Guacira Louro (1998). Ao longo do capítulo é relatada uma breve história sobre o feminismo e seus avanços, desde sua origem até os dias de hoje, além do conceito de gênero, destacando a exclusão das mulheres em cargos superiores pela sociedade. Para finalizar o capítulo, a autora decide trazer a questão “qual é o gênero do jornalismo?”, especialmente a partir de autoras como Márcia Veiga (2014) e Guacira Louro (1998), que, ao longo de seus estudos, entendem que o gênero do jornalismo é masculino.

O terceiro capítulo tem como foco principal o jornalismo em rede. Entende-se que, dentro das redes, as informações recolhidas são reinterpretadas a todo momento, causando um efeito de que cada jornalista vai compreender as mesmas informações de formas diferentes, às vezes havendo alterações em seu significado. A construção da notícia no jornalismo em rede abordou a ideia de que o jornalista, portanto, “passa a ser um produtor de conteúdos multimídia de cunho jornalístico - webjornalista” (CANAVILHAS, 2001, p. 2), além dos papéis fundamentais no jornalismo em rede de *gatekeeping* e *gatematching*. No fim do capítulo, a história do objeto de análise desta monografia é explicado com base nas pesquisas da autora.

O último capítulo de análise focou na metodologia utilizada para o trabalho. Usou-se pesquisas bibliográficas e foi inspirada na análise de conteúdo da cobertura jornalística. Quanto à questão da objetificação da mulher na mídia apresentada no quarto capítulo, é possível perceber que a forma como a imagem da acusada foi usada não foi de informar de forma jornalística, mas utilizando uma linguagem machista ao se referir a Amanda. No fim do capítulo, conseguimos perceber que o apelido “Foxy Knoxy”, adotado por Nick Pisa, foi facilmente “comprado” pelos portais internacionais.

Ao longo da pesquisa foram encontradas algumas dificuldades, como por exemplo, o acesso às reportagens completas das manchetes no capítulo quatro. Assim como encontrar a utilização do termo “Foxy Knoxy” nas manchetes brasileiras – esse foi somente usado no decorrer das reportagens – e, ainda assim, explicando que o apelido veio da imprensa internacional.

Apesar do caso ocorrido em meados de 2007, a cobertura e circulação do acontecimento ainda é algo atual. Deve-se também ao documentário de 2016 disponível na plataforma da Netflix, no qual é possível perceber que a investigação e

a perícia foram mal executadas, além do jornalista parecer querer se destacar mais que a própria Amanda devido ao seu jornalismo machista e antiético.

O tipo de cobertura realizada pelo jornalista Nick Pisa tem, portanto, um caráter misógino, sensacionalista e irresponsável, embora esse tipo de cobertura ainda seja, de certa forma, atual. Esse jornalismo de caráter “masculino” opera diariamente nos portais jornalísticos, em busca de “page views” e audiência, que era o objetivo de Pisa. Esse caso serve como exemplo para que as coberturas futuras sejam de responsabilidade e consciência para que se possa tentar não produzir e nem reproduzir esse tipo de conteúdo.

REFERÊNCIAS

- ADGHIRNI, Zélia Leal. **O Jornalista**: do mito ao mercado. 2005. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/12442>. Acesso em: 12 abr. 2021.
- ALCANTARA, Juliana. Gênero e jornalismo: quem produz as notícias e como influenciam no discurso. **Universidade de Coimbra, Portugal**, 2021. Disponível em: <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/1688/pdf>. Acesso em: 12 abr. 2021.
- ARAUJO, Maria de Fátima. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 41-52, 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652005000200004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 29 mar. 2021.
- AMANDA Knox. Direção de Rod Blackhurst e Brian McGinn. Produção: Rod Blackhurst, Mette Heide, Brian McGinn e Stephen Robert Morse. Roteiro: Matthew Hamachek e Brian McGinn. Música: Danny Bensi e Saunder Jurriaans. Estados Unidos: Plus Pictures, 2016. Netflix (92 min.), son., color. Legendado.
- ÁVILA, Ana Karlice Nascimento de Ávila. **Estupro coletivo no Rio**: sentidos que emergem da trama entre jornalismo e comentários no twitter. 2020.
- BARDOEL, Jo et al. Network journalism': Converging competencies of old and new media professionals. **Australian journalism review**, v. 23, n. 2, p. 91-103, 2001. Acesso em: 25 abr. 2021.
- BEZERRA, Juliana. Feminismo. **TodaMatéria**, 5 de mar. de 2021. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/feminismo/>. Acesso em: 14 mar. 2021.
- BOTTON, Fernando Bagiotto. Considerações críticas acerca das teorias de Robert/Raewyn Connell e Judith Butler para o estudo das masculinidades. **Revista Crítica Histórica**, v. 11, n. 22, p. 11-37, 2020.
- BRUNS, Axel. Gatekeeping, gatewatching, realimentação em tempo real: novos desafios para o jornalismo. **Brazilian Journalism Research**, v. 10, n. 2, p. 224-247, 2014. Acesso em: 15 abr. 2021.
- CABRAL, F.; DÍAZ, M. Relações de gênero. In: SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE; FUNDAÇÃO ODEBRECHT. Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Rona Ltda, 1998. p. 142-150.
- CANAL CIÊNCIAS CRIMINAIS. Caso Amanda Knox: vítima da mídia ou autora de um crime perfeito? **Jusbrasil**. 2018. Disponível em: <https://canalcienciascriminais.jusbrasil.com.br/artigos/519068371/caso-amanda-knox-vitima-da-midia-ou-autora-de-um-crime-perfeito>. Acesso em: 04 abr. 2021.

CASELLI, Thais; PIMENTA, Francisco. Twitter: a nova ferramenta do jornalismo. In: **Trabalho submetido XVI Congresso Brasileiro Ciências da Comunicação, para o Intercom Júnior**. 2011. Disponível em:

<https://portalintercom.org.br/eventos1/congressos-regionais/20111/apresentacao3>
<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-0578-2.pdf>.

Acesso em: 13 abr. 2021.

CHACKSFIELD, Marc. How Nick Pisa became more notorious than Amanda Knox.

ShortList. 3 de out. de 2016. Disponível em: <https://www.shortlist.com/news/nick-pisa-amanda-knox-villain>. Acesso em: 04 Mai. 2021.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, p. 241-282, 2013.

COSTA, Jessica Gustafson. JORNALISMO E FEMINISMO: A RESSIGNIFICAÇÃO DO CONCEITO DE OBJETIVIDADE A PARTIR DE UMA PROPOSTA CRÍTICA FEMINISTA. **13º Mundos de Mulheres & fazendo gênero 11 Transformações, Conexões, Deslocamentos**. Disponível em:

http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1495656108_ARQUIVO_CriticaFeminista-JessicaGustafson-FazendoGenero.pdf. Acesso em: 28 mar. 2021.

DEL BIANCO, Nélia. A Internet como fator de mudança no jornalismo. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo**, v. 1, 2004. Acesso em: 15 abr. 2021.

DIAS, Ricardo Henrique Almeida. Um estudo global sobre as questões de gênero no jornalismo. **Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 259-262, set. 2020. Disponível em

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-58442020000300259&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 mar. 2021.

DOMINGOS DE LIMA, Juliana. Feminismo: origens, conquistas e desafios no século 21. in: **NEXO**. 2020. Disponível em:

<https://www.nexojournal.com.br/explicado/2020/03/07/Feminismo-origens-conquistas-e-desafios-no-s%C3%A9culo-21>. Acesso em: 28 mar. 2021.

DUMONT, Jamile. Como anda o movimento feminista nos dias de hoje. in: **Tudo Sobre Feminismo**. Disponível em: <https://tudosobrefeminismo.com/como-anda-o-movimento-feminista-nos-dias-de-hoje/>. Acesso em: 28 mar. 2021.

ESTARQUE, Marina. Mais redações na América Latina incorporam perspectiva de gênero, mas palestrante em conferência sobre diversidade dizem que mais precisa ser feito. **LatAm Journalism Review**. 26 de mar. de 2021. Disponível em:

<https://latamjournalismreview.org/pt-br/articles/mais-redacoes-na-america-latina-incorporam-perspectiva-de-genero-mas-palestrantes-em-conferencia-sobre-diversidade-dizem-que-mais-precisa-ser-feito/>. Acesso em: 11 abr. 2021.

FERNANDES, Rafael. **A nova mulher das propagandas de cerveja**. Disponível em: <https://medium.com/@rafaelssilva/a-nova-mulher-das-propagandas-de-cerveja-29b235988cbb>. Acesso em: 20 jun. 2021.

FIRMINO, Flávio Henrique; PORCHAT, Patricia. Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de “problemas de gênero”. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, p. 51-61, 2017.

FRANCHINI, B. S. O que são as ondas do feminismo? in: **Revista QG Feminista**. 2017. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismo-eeed092dae3a#:~:text=Uma%20%E2%80%9Conda%E2%80%9D%20feminista%2C%20foi,momento%20hist%C3%B3rico%20tinham%20demandas%20diferentes>. Acesso em: 26 mar. 2021.

FRANCISCO, Kárita Cristina. O jornalismo e as redes sociais: participação, inovação ou repetição de modelos tradicionais?. **Prisma. com**, n. 12, p. 193-218, 2010. Disponível em: https://brapci.inf.br/_repositorio/2018/01/pdf_fc0cbca660_0000028848.pdf. Acesso em: 13 abr.2021.

GARCÍA, Rodrigo Casteleiro. Por que muitos ainda acreditam que Amanda Knox é uma assassina? **EL PAÍS**. 13.10.2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/07/internacional/1475838543_510782.html. Acesso em: 05 abr.2021.

GURGEL, Telma. FEMINISMO E LUTA DE CLASSE: HISTÓRIA, MOVIMENTO E DESAFIOS TEÓRICO-POLÍTICOS DO FEMINISMO NA CONTEMPORANEIDADE. **Fazendo Gênero 9 Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**. 2010. Disponível em: http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1277667680_ARQUIVO_Feminismoelutadeclasse.pdf. Acesso em: 07 abr. 2021.

HEINRICH, Ansgard. **Network journalism: Journalistic practice in interactive spheres**. Routledge, 2011. Acesso em: 15 abr.2021.

HISTÓRIA DA FOLHA DE S. PAULO. **UOL**. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/institucional/historia_da_folha.shtml?fill=4. Acesso em: 15 abr. 2021.

ISRAELY, Jeff. Foxy Knoxy Case Still Roils Italy. **TIME**. 12 de jul. de 2008. Disponível em: <http://content.time.com/time/world/article/0,8599,1822246,00.html>. Acesso em: 05 mai.2021.

JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan R.; DE FREITAS, Britta Lemos. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

JAMAL, Zakiya. Does Nick Pisa Still Work For The 'Daily Mail'? The 'Amanda Knox' Star Has A New Job. **Romper**. 4 de out. de 2016. Disponível em: <https://www.romper.com/p/does-nick-pisa-still-work-for-the-daily-mail-the-amanda-knox-star-has-a-new-job-19721>. Acesso em: 04 mai.2021.

L., Andrei. A História da Internet - Do Início ao Status Atual da Rede. **Weblink**. 8 de ago. de 2019. Disponível em: <https://www.weblink.com.br/blog/historia-da-internet/>. Acesso em: 07 abr.2021.

LOBO, Tiago. Sobre o papel social do jornalismo. **Observatório da Imprensa**. 23 de abril de 2013. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitas/_ed743_sobre_o_papel_social_do_jornalismo/. Acesso em: 16 abr.2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MAC, Aissa. Entenda a baixa representatividade das mulheres na política brasileira. **ESTADO DE MINAS**. 16 de out. de 2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/10/16/interna_politica,1195078/entenda-a-baixa-representatividade-das-mulheres-na-politica-brasileira.shtml. Acesso em: 30 mar. 2021.

MACHADO, Sandra. **Crises e oportunidades do jornalismo interconectado**. 2010. Disponível em: <http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2012/02/Crises-e-oportunidades-do-jornalismo-interconectado.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2021.

MARCADA por polêmica, Ingrid abre o jogo: “espalharam mentiras, porque eu sou uma mulher que faz sexo”. Lance, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://m.lance.com.br/fora-de-campo/marcada-por-polemica-Ingrid-abre-jogo-espalharam-mentiras-porque-sou-uma-mulher-que-faz-sexo.html>. Acesso em: 20 jun.2021.

MARTINEZ, Monica; LAGO, Cláudia, COELHO DE SOUZA LAGO, Mara. **Estudos de gênero na pesquisa em jornalismo no Brasil: uma tênue relação. Gender studies in Brazilian journalism research: a fragile relationship**. Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/download/22464/14180/0>. Acesso em: 29 mar.2021.

MCCOMBS, Maxwell. **A Teoria da Agenda: A mídia e a opinião pública**. 2009

MELLO DA SILVA, Rafaela. (DES)IGUALDADE DA MULHER: DA EDUCAÇÃO PARA O LAR À CONQUISTA POR ESPAÇO PROFISSIONAL. **Brasiljurídico**. 26 de ago. de 2018 Disponível em: <https://brasiljuridico.com.br/artigos/desigualdade-da-mulher-da-educacao-para-o-lar-conquista-por-espao-profissional>. Acesso em: 29 mar. 2021.

METROWEBUK. Foxy Knoxy and Meredith 'got on great'. **METRO**. 19 de jun. de 2009. Disponível em: <https://metro.co.uk/2009/06/19/foxy-knoxy-and-meredith-got-on-great-205215/>. Acesso em: 10 mai. 2021.

MURÇA, Giovana. 8 dados que justificam a luta por igualdade de gênero nos dias de hoje. in: **QueroBolsa**. 2021. Disponível em: <https://querobolsa.com.br/revista/8-dados-que-justificam-a-luta-por-igualdade-de-genero-nos-dias-de-hoje>. Acesso em: 28 mar. 2021.

NETO, Edmundo Mendes BENIGNO. **Por uma história do jornalismo digital: algumas considerações**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/Por%20uma%20historia%20do%20jornalismo%20digital.pdf>. Acesso em: 05 abr.2021.

NETO, Saulo de Assis Sáes. Limites e aplicabilidade do conceito de gatwatching na produção de conteúdo em meio digital: novo modelo de comunicação ou hiper-realidade?. Acesso em: 26 abr.2021.

OPERANDI, Modus. **Twitter**. Disponível em: <https://twitter.com/moduspod/status/1273940109306494977>. Acesso em: 10 mai. 2021.

PEREIRA FRAZÃO, Maria Cristina. A IMAGEM DAS MULHERES NAS PROPAGANDAS DA CERVEJA SKOL: ENTRE A "OBJETIFICAÇÃO" E O EMPODERAMENTO. **INSTITUTO FEDERAL PARAÍBA CAMPUS GUARABIRA**. Disponível em: <https://repositorio.ifpb.edu.br/bitstream/177683/714/1/A%20imagem%20das%20mulheres%20nas%20propagandas%20da%20cerveja%20skol%20entre%20a%20objetificac%C3%A7%C3%A3o%20e%20o%20empoderamento%20Maria%20Cristina%20Pereira%20Fraz%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2021.

PISA, Nick. CSI technique leads Italian police to bloody footprint in Foxy Knoxy's bedroom. **Daily Mail**. 11 de jan. de 2008. Disponível em: <http://www.dailymail.co.uk/news/article-507549/CSI-technique-leads-Italian-police-bloody-footprint-Foxy-Knoxys-bedroom.html>. Acesso em: 04 Mai. 2021.

PISA, Nick. Foxy Knoxy protests innocence and details her many lovers - and her fan-mail - in prison diary. **Daily Mail**. 25 de jun. de 2008. Disponível em: <https://www.dailymail.co.uk/news/article-1029136/Foxy-Knoxy-protests-innocence-details-lovers--fan-mail--prison-diary.html>. Acesso em: 04 mai. 2021.

REPORT, Post Staff. Foxy Knoxy on 'suicide watch'. **New York Post**. 6 de dez. de 2009. Disponível em: <https://nypost.com/2009/12/06/foxy-knoxy-on-suicide-watch/>. Acesso em: 05 mai. 2021.

RIVERA, Victor. Thoughts on the Amanda Knox Netflix Documentary. **Medium**. 11 de out. 2016. Disponível em: <https://cognitivicta.medium.com/thoughts-on-the-amanda-knox-netflix-documentary-1751fd07504>. Acesso em: 10 mai. 2021.

SALVADOR, Susana. 'Foxy Knoxy' começa a ser julgada em Perúcia. **Diário de Notícias**. Disponível em: <https://www.dn.pt/arquivo/2009/foxy-knoxy-comeca-a-ser-julgada-em-perusia-1139166.html>. Acesso em: 05 mai. 2021.

SANTOS, Silvana Mara de Moraes dos; OLIVEIRA, Leidiane. Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços. **Rev. katálysis**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-19, June 2010. Disponível em: [.https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802010000100002](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802010000100002). Acesso em: 05 mai. 2021.

SERAMIM, Ronaldo Jose; WALTER, Silvana Anita. O que Bardin diz que os autores não mostram? Estudo das produções científicas brasileiras do período de 1997 a 2015. **Administração: ensino e pesquisa**, v. 18, n. 2, p. 271, 2017.

SILVA DO NASCIMENTO, Adriana. Webwriting e o texto no jornalismo online. **Universidade Federal do Rio de Janeiro Centro de Filosofia e Ciências Humanas Escola de Comunicação**. 2004. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/808/1/ANASCIMENTO.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2021.

SKEVIK, Erlend. Forsvaret ber om frifinnelse av «Foxy Knoxy». **VG**. 2 de dez. de 2009. Disponível em: <https://www.vg.no/nyheter/utenriks/i/bE4dg/forsvaret-ber-om-frifinnelse-av-foxy-knoxy>. Acesso em: 05 mai. 2021.

SOUTO, Eboutine Marie Reis. Desafios para a análise do jornalismo internacional. **Aurora. Revista de Arte, Mídia e Política**, n. 7, p.86, 2010.

SOUZA, Marcelle. Colaboração para Ecoa, de São Paulo. Por que defender que o aborto seja legalizado. **UOL**. 5 de jan. de 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/01/05/por-que-defender-que-o-aborto-seja-legalizado.htm>. Acesso em: 27 mar. 2021.

STATEN, Verenigde. 'Foxy Knoxy moest per se veroordeeld worden'. **NIEUWS**. 8 de dez. de 2009. Disponível em: <https://www.nieuwsblad.be/cnt/gpg2jd4nt>. Acesso em: 05 mai. 2021.

STOLWORTHY, Jacob. Amanda Knox Netflix documentary: The journalist people are branding 'the real villain'. **INDEPENDENT**. 5 de out. 2016. Disponível em: [https://www-independent-co-uk.cdn.ampproject.org/v/s/www.independent.co.uk/arts-entertainment/films/news/amanda-knox-netflix-documentary-nick-pisa-journalist-meredith-kercher-rafalle-sollecito-a7342376.html?amp_js_v=a3&_gsa=1&_usqp=mq331AQCKAE%3D#aoh=15813577085689&referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.com&_tf=Fonte%3A%20%251%24s&share=https%3A%2F%2Fwww.independent.co.uk%2Farts-](https://www-independent-co-uk.cdn.ampproject.org/v/s/www.independent.co.uk/arts-entertainment/films/news/amanda-knox-netflix-documentary-nick-pisa-journalist-meredith-kercher-rafalle-sollecito-a7342376.html?amp_js_v=a3&_gsa=1&_usqp=mq331AQCKAE%3D#aoh=15813577085689&referrer=https%3A%2F%2Fwww.google.com&_tf=Fonte%3A%20%251%24s&share=https%3A%2F%2Fwww.independent.co.uk%2Farts-entertainment/films/news/amanda-knox-netflix-documentary-nick-pisa-journalist-meredith-kercher-rafalle-sollecito-a7342376.html)

entertainment%2Ffilms%2Fnews%2Famanda-knox-netflix-documentary-nick-pisa-journalist-meredith-kercher-rafalle-sollecito-a7342376.html. Acesso em: 13 mai. 2021.

TORRÃO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **cadernus pagu**, p.127-152, 2005.

TRÄSEL, Marcelo. Uma obra que cultua a polêmica desinformada. **Revista FAMECOS**, v. 15, n. 36, p. 131-132, 2008. Acesso em: 16 abr. 2021.

VEIGA DA SILVA, Marcia. **Masculino, o gênero do jornalismo - Modos de produção das notícias**. 2014.

VERENA, Mayer. Die späten Tränen der „Foxy Knoxy“. **Frankfurter Allgemeine**. 6 de dez. de 2009. Disponível em:
<https://www.faz.net/aktuell/gesellschaft/kriminalitaet/amanda-knox-die-spaeten-traenen-der-foxy-knoxy-1899888/ich-bin-nicht-ruhig-ich-habe-1897329.html>. Acesso em: 05 mai. 2021.

WEBER, Carolina Teixeira. Gatekeeper e gatwatching: repensando a função de selecionador no webjornalismo. **Intercom Sul**, 2010. Acesso em: 15 abr. 2021.

ZAGO, G. DA S. RESSIGNIFICAÇÕES DO ACONTECIMENTO NO JORNALISMO EM REDE. Revista Observatório, v. 3, n. 3, p. 305-326, 1 maio 2017. Disponível em: Periódicos - UFT | Revista Observatório. Acesso em: 04 abr. 2021.

ANEXOS

Anexo A

CSI technique leads Italian police to bloody footprint in Foxy Knoxy's bedroom

By NICK PISA
Last updated at 15:50 11 January 2008

A bloody bare footprint has been discovered by forensic teams investigating the murder of British student Meredith Kercher, Italian police have revealed.

The imprint was discovered by police scientists using Luminol - a substance that turns blue in the presence of blood and made famous by hit series CSI Miami.

The news came just hours after police revealed that they had discovered traces of DNA from suspect Raffaele Sollecito on Meredith's bra.

Scroll down for more...



Computer studies student Sollecito, 24, the boyfriend of fellow suspect Amanda Knox, 20, who was Meredith's flatmate, had always denied being at the crime scene.

Edgardo Giobbi, chief of the Rome based scientific police, said: "This is a crucial discovery and very important.

"It was discovered during the examination of the apartment and was in Amanda's bedroom. At this stage we do not know if it was made by a man or a woman.

"It will be compared to the three suspects and there were also traces of blood found between the room and other parts of the apartment.

"Luminol also showed up traces of blood in Meredith's bedroom and these are also being investigated."

Scroll down for more...

PISA, Nick. CSI technique leads Italian police to bloody footprint in Foxy Knoxy's bedroom. Daily Mail. 11 de jan. de 2008. Disponível em: <http://www.dailymail.co.uk/news/article-507549/CSI-technique-leads-Italian-police-bloody-footprint-Foxy-Knoxys-bedroom.html>. Acesso em: 04.05.2021.

Anexo B



Luminol is used by crime scene investigators to locate traces of blood, even if it has been cleaned or removed.

It is sprayed over the crime scene and the iron present in any blood in the area sparks a chemical reaction which causes the Luminol to "glow" blue.

The glow lasts for about 30 seconds and examinations are usually carried out at night as it needs to be dark.

Meredith, 20, was found semi-naked and with her throat cut in the bedroom of her student digs in Perugia on November 2.

Four days later American Knox, 20, Sollecito and local bar owner Patrick Diya Lumumba, 38, were held on suspicion of her murder.

PISA, Nick. CSI technique leads Italian police to bloody footprint in Foxy Knox's bedroom. Daily Mail. 11 de jan. de 2008. Disponível em: <http://www.dailymail.co.uk/news/article-507549/CSI-technique-leads-Italian-police-bloody-footprint-Foxy-Knoxys-bedroom.html>. Acesso em: 04.05.2021.

Anexo C

Meredith, 20, was found semi-naked and with her throat cut in the bedroom of her student digs in Perugia on November 2.

Four days later American Knox, 20, Sollecito and local bar owner Patrick Diya Lumumba, 38, were held on suspicion of her murder.

Lumumba was later released but a fourth suspect Rudy Herman Guede, 20, was arrested in Germany after fleeing the country and extradited back to Italy.

His DNA has also been found on Meredith's bra as well as a bloody fingerprint of his on a pillow at the murder scene.



Detectives have also revealed that they were trying to track down two of Meredith's credit cards that have disappeared.

Police are working on the theory that Meredith was murdered after stumbling across Guede and Knox as they stole money she kept in her underwear drawer.

Meanwhile, the Perugia chief prosecutor Giuliano Mignini said he expected the investigations to be completed by the summer and the three suspects to face trial at the end of the year.

Sollecito's lawyer Marco Brusco said that his client had expressed "surprise" that his DNA had been found on Meredith's bra.

Mr Brusco added: "As I have already said, we shall await the full report before saying anything but my client is surprised to hear his DNA has been found."

Sollecito has always insisted that he was at home working on his computer at the time of the murder but police say the discovery puts him at the scene. Knox also denies being involved in the murder.

PISA, Nick. CSI technique leads Italian police to bloody footprint in Foxy Knox's bedroom. Daily Mail. 11 de jan. de 2008. Disponível em: <http://www.dailymail.co.uk/news/article-507549/CSI-technique-leads-Italian-police-bloody-footprint-Foxy-Knoxys-bedroom.html>. Acesso em: 04.05.2021.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br